

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

RUTE DOKI PINHEIRO

**FANTOCHES: REAÇÕES E EMOÇÕES DE CRIANÇAS NA MEDIAÇÃO DA LEITURA E
NA INTERAÇÃO COM AS HISTÓRIAS INFANTIS**

Porto Alegre

2021

RUTE DOKI PINHEIRO

**FANTOCHES: REAÇÕES E EMOÇÕES DE CRIANÇAS NA MEDIAÇÃO DA LEITURA E
NA INTERAÇÃO COM AS HISTÓRIAS INFANTIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane da Silva Moro

Coorientadora: Mestre Camila Alves de Melo

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretora: Prof.^a Dr.^a Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe Substituta: Prof. Dr.^a Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Dias

Coordenadora Substituta: Prof.^a Me. Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Pinheiro, Rute Doki
Fantoches:reações e emoções de crianças na mediação
da leitura e na interação com as histórias infantis /
Rute Doki Pinheiro. -- 2021.
83 f.
Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Coorientadora: Camila alves de Melo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Fantoches. 2. Contos de Fadas. 3. Contação de
Histórias. 4. Mediação de Leitura. I. Moro, Eliane
Lourdes da Silva, orient. II. Melo, Camila alves de,
coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

Porto Alegre/RS – CEP 90035-007

Telefone: 51 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

RUTE DOKI PINHEIRO

**FANTOCHES: REAÇÕES E EMOÇÕES DE CRIANÇAS NA MEDIAÇÃO DA LEITURA E
NA INTERAÇÃO COM AS HISTÓRIAS INFANTIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Lourdes da Silva Moro
Orientadora DCI/UFRGS

Prof.^a Dr.^a Caterina Marta Groposo Pavão
Examinadora DCI/UFRGS

Prof. Drando. Filipe Xerxeneski da Silveira
Examinador IFRS – Campus Porto Alegre

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por tudo que tenho.

Ao meu filho Gustavo, pois no momento da minha vida, que considero o mais difícil vivido até hoje, me encorajou voltar a estudar e realizar o meu sonho de entrar para esta Universidade, mesmo depois de trinta anos longe da sala de aula. Por toda ajuda no pré-vestibular. Por todos os: "tu consegue mãe".

Ao meu filho Raphael, que me deu apoio desde o preparo para o vestibular, por gritar no dia do resultado: "mãe, tu passou", por toda ajuda com as tecnologias, com a correria dos envios dos trabalhos. Por ele perceber a importância da Biblioteconomia e por compartilhar comigo os elogios que recebe em seus trabalhos acadêmicos.

Ao meu marido, que me incentivou o tempo todo e nunca aceitou que eu desistisse.

Aos meus pais, que me ajudaram de várias maneiras.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), onde consegui realizar meu sonho da juventude e por propiciar um ensino de qualidade.

A todos os professores, pela competência e por estarem sempre prontos a esclarecer dúvidas, sempre que precisei.

Aos colegas, todos que interagiram comigo e de alguma maneira me apoiaram.

Aos veteranos, em especial à Janaína, que me acolheram e orientaram de várias formas quando entrei nesse mundo novo e assustador (para mim) que tive o prazer de conhecer e fazer parte.

À professora e orientadora Eliane, incansável. Pelos incentivos nos momentos difíceis e não me deixar desistir. Por acreditar em mim quando eu mesma duvidei. Por estar comigo do "primeiro ao último dia" durante minha jornada na graduação, não poderia ter sido diferente. Minha eterna gratidão.

À coorientadora Camila, por toda paciência, carinho e disponibilidade.

Aos sujeitos da minha pesquisa, que aceitaram prontamente em participar.

À professora Caterina, por quem tenho imensa admiração e carinho, por aceitar fazer parte desta etapa final e importante da minha formação.

Ao bibliotecário Filipe, que sempre me incentivou, me fez seguir em frente, me aceitou no Estágio obrigatório e sempre foi muito atencioso, por aceitar fazer parte fase final da minha graduação.

À minha colega Mariza, pela parceria, pelos momentos de choro e riso compartilhados, por me incentivar e por termos ultrapassado a linha de colegas a amigas.

Aos meus anjos de quatro patas que ainda estão comigo e também aos que já me deixaram, pelas conversas em "latidez", pelos meigos olhares, lambidas e mordidas de carinho nos momentos de angústia ou tristeza. Pelo seu amor incondicional.

À minha tia materna, que desde o dia do meu nascimento, através do amor, carinho, do colo, das histórias contadas, das cantigas e do teatro de sombras, fez despertar em mim reações e emoções. Por me fazer conhecer o mundo da imaginação e dos fantoches.

Aos meus filhos, amores da minha vida:

Raphael, Gustavo e Magali.

Dedico

Creio que a imaginação pode mais que o conhecimento.

Que o mito pode mais que a história.

Que os sonhos podem mais que os fatos.

Que a esperança sempre vence a experiência.

Que só o riso cura a tristeza.

E creio que o amor pode mais que a morte.

(ROBERT FULGHUM)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo geral analisar as reações e as emoções que os fantoches suscitam nas crianças no processo de contação de histórias. Busca responder ao seguinte problema: Quais reações e emoções os fantoches usados na mediação da leitura suscitam nas crianças? Apresenta brevemente sobre o surgimento dos fantoches, os contos de fadas, a contação de histórias, a mediação da leitura, e por fim, as reações e emoções das crianças na interação de histórias que utilizam fantoches nas etapas de seu desenvolvimento. Tem por objetivos específicos: levantar literatura que sirva de embasamento nos temas abordados neste trabalho; reunir relatos dos mediadores de leitura e contadores de histórias que utilizam os fantoches em suas atividades e descrever e tecer considerações sobre as reações e as emoções que os fantoches suscitam em crianças que ouvem histórias com este recurso. A pesquisa caracteriza-se com abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório, tendo como procedimento o estudo de caso. Apresenta os resultados finais que atenderam aos objetivos propostos e considerações finais respondendo ao problema de investigação e concluindo que os fantoches tem o poder de encantar, distrair, instigar a curiosidade, acalmar, ensinar, que auxiliam as crianças a compreenderem melhor o seu entorno, estimulam a socialização e a interação com outras pessoas. Além disso, é possível afirmar que as reações e emoções que os fantoches suscitam nas crianças são inúmeras, são válidas e são eternas.

Palavras-chave: fantoches; contos de fadas; contação de histórias; mediação da leitura.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the reactions and emotions that puppets evoke in children in the storytelling process. It seeks to answer the following problem: What reactions and emotions do the puppets used in reading mediation evoke in children? It briefly presents about the emergence of puppets, fairy tales, storytelling, mediation of reading, and finally, the reactions and emotions of children in the interaction with stories that use puppets in their development stages. Its specific objectives are: to raise literature that serves as a basis for the topics covered in this work; gather reports from reading mediators and storytellers who use puppets in their activities and describe and make considerations about the reactions and emotions that puppets evoke in children who hear stories with this accessory. The research is characterized by a qualitative approach, of a basic nature, with an exploratory objective, having as a procedure the case study. It presents the final results that met the proposed objectives and final considerations, answering the research problem and concluding that puppets have the power to enchant, distract, instigate curiosity, calm, teach, which helps children to better understand their surroundings, stimulates socialization and interaction with other people. Furthermore, it is possible to affirm that the reactions and emotions that puppets evoke in children are numerous, valid and eternal.

Keywords: puppets; fairy tale; storytelling; reading mediation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fantoques gregos.....	15
Figura 2 - Fantoques romanos	16
Figura 3 - Teatro de fantoche de mão.....	17
Figura 4 - Teatro de fantoques de mão em Veneza.....	18
Figura 5 - Guignol da França.....	19
Figura 6 - Versão parisiense do Guignol	19
Figura 7 - Apresentação do Guignol para o público.....	20
Figura 8 - Polichinelle da Itália	20
Figura 9 - Punch da Inglaterra.....	21
Figura 10 - Apresentação de Punch.....	21
Figura 11 - Casperl da Alemanha	22
Figura 12 - Apresentação de Casperl	22
Figura 13 - Woltje da Bélgica.....	23
Figura 14 - Karagueuz da Turquia.....	23
Figura 15 - Teatro de fantoques chinês	24
Figura 16 - Wayang de Java.....	24
Figura 17 - Apresentação dos fantoques javaneses.....	25
Figura 18 - Teatro de sombras	41
Figura 19 - Dedoches	42
Figura 20 - Dedoche	42
Figura 21 - Cabeça e nariz da boneca Mafalda.....	43
Figura 22 - Teste com cabelos e olhos	43
Figura 23 - Boneca Mafalda concluída	44
Figura 24 - Detalhe dos sapatos da boneca Mafalda	44
Figura 25 - Mafalda modelo inspiração.....	45
Figura 26 - Negrinho do Pastoreio.....	45
Figura 27 - Os três porquinhos.....	46
Figura 28 - Lobo mau.....	46
Figura 29 - Personagens da história os três porquinhos.....	47
Figura 30 - Lobo disfarçado de vovó.....	48
Figura 31 - Chapeuzinho vermelho e a cesta de pães.....	48
Figura 32 - O caçador	49
Figura 33 - Vovó	49
Figura 34 - Personagens da história chapeuzinho vermelho	50
Figura 35 - Primeiros fantoques Leão e o Tigre	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OS FANTOCHES E SEU SURGIMENTO	15
3	OS CONTOS DE FADAS	28
4	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	31
5	A MEDIAÇÃO DA LEITURA	35
6	AS REAÇÕES E EMOÇÕES DE CRIANÇAS NA INTERAÇÃO COM AS HISTÓRIAS UTILIZANDO FANTOCHES	38
7	O ENCANTAMENTO NA CONFECÇÃO DOS FANTOCHES	41
8	METODOLOGIA DO ESTUDO	52
8.1	O ESTUDO DE CASO	53
8.2	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	54
9	SUJEITOS DO ESTUDO	56
10	COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	57
11	RESULTADOS DO ESTUDO	75
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A - Entrevista para coleta de dados	82
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	83

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias, mediar a leitura, fantoches, crianças, reações e emoções, são assuntos distintos que buscarei mostrar que eles podem estar unidos. Este tema tão particular tem um valor especial devido a minha experiência na infância. Venho de uma família em que a maioria ama a leitura e tem dons para o artesanato, bordado, crochê, tricô e costura, desde a alta costura até um simples remendo. Comigo não poderia ser diferente, passei por todas estas formas de arte. Lembro-me como se fosse hoje, era inverno, eu estava na casa de meus avós maternos sentada no banco que servia para guardar lenha, ao lado do fogão, com quatro anos e já me atrevendo a fazer gorros de crochê para o meu pequenino boneco.

Ir para casa de meus avós maternos era só alegria. Minha experiência em conhecer os contos de fadas, ouvir histórias, cantigas de rodas e teatro de sombras foi tarefa da minha tia, foi com ela que aprendi amar todos estes encantamentos da infância. Depois vieram os livros e os bonecos de papel, vinham em uma pequena revista com uma variedade de roupas, era só recortar e se divertir inventando aventuras com eles. Ficava encantada com tudo que me era apresentado.

Os livros sempre estiveram presentes na minha vida, com meu avô lendo a Bíblia e alguns sobre agricultura. Meu pai com livros e revistas, ganhava muitos dos amigos pois sabiam do gosto dele pela leitura, até hoje ele vive rodeado por eles. Raro é o dia que não o vejo com um deles nas mãos, mesmo dormindo. Os meus eram pequenos e poucos, pois não tínhamos condições financeiras de comprar, então a opção era ler e reler, incansavelmente, às vezes tentava ler os do meu pai, mas ele dizia que não eram para crianças. O meu livro preferido era "O Patinho Feio", que muito me emocionava e até hoje isso acontece quando vejo imagens que me lembrem dele.

Aos sete anos de idade ganhei a coleção intitulada "O Saber em Cores". Quanta felicidade: livros grandes, capa dura e com assuntos variados! Meus sábados à tarde eram dedicados somente para eles. O interesse pela costura surgiu entre dez e onze anos. Comecei fazendo roupinhas e cobertas, com retalhos de tecido e malhas, para aquele mesmo bonequinho dos gorrinhos de crochê. Costurava tudo com pontinhos bem pequenos e cuidando para não espetar a agulha nos dedos.

Adorava assistir Vila Sésamo, como queria poder estar perto deles, tocá-los! Em relação ao programa "Sítio do Picapau Amarelo", queria uma Emília, mas queria

uma boneca falante, igual da TV. Já adulta, sempre que podia parava para assistir um pouquinho o programa TV Colosso: essa série uniu duas de minhas paixões, os fantoches e os animais. Também despertei o gosto pelos gibis, e comecei uma coleção, meu preferido até hoje é Chico Bento.

Mesmo não sendo possível, financeiramente, adquirir todos os livros que eu desejava, ou ter um Garibaldo, uma Zoe, uma Bel, um Beto..., uma Emília falante, uma Priscila e um Capachão, enfim... mesmo assim, considero estas experiências da minha infância como maravilhosas. Ter alguém que faça a criança se sentir amada, que conte histórias, cante cantigas de roda, que faça teatro de sombras, com certeza são atividades e demonstrações de afeto importantes para o desenvolvimento cognitivo, para a criatividade e a imaginação. Tentei passar aos meus filhos essas boas lembranças, pois basta boa vontade e criatividade para fazer a magia acontecer na vida dos pequenos, sou prova disso.

Tempos mais tarde, tendo meus filhos indo para escolinha, conheci os fantoches de mão confeccionados em tecido, me apaixonei e comecei a reproduzi-los para meus filhos. A intenção era usar na hora de contar histórias, mas eles gostavam tanto dos fantoches que começaram a usá-los no meio das brincadeiras, com isso, acrescentei os bonecos de personagens dos contos de fadas na minha produção e não parei mais, sempre surge um novo desafio para modelar e costurar. Os primeiros fantoches que produzi, ainda existem, mas guardados como tesouro do meu filho e não se pode pensar em doar.

O ato de contar histórias por muito tempo foi considerado como atividade inferior à escrita, mas o tempo passou e hoje tem reconhecido o seu valor. O mediador da leitura, atividade relativamente nova, tem um papel importantíssimo pois através de sua fala pode levar ao ouvinte o conhecimento e também o entretenimento e o lazer. Os fantoches, em sua imensa variedade de modelos e materiais em que são fabricados, também tiveram no decorrer de sua história alguns momentos em que foram desvalorizados, no entanto, resistiram ao tempo e são muito utilizados hoje na atividade de contar histórias.

Os contos de fadas, contos, histórias, não importa o nome que lhes dão, o importante é que eles levam alegria e magia onde quer que estejam. Desde os contos mais antigos com suas variadas versões aos contos modernos. Ao juntarmos os contos, os fantoches o mediador de leitura e o contador de histórias, com certeza

temos um conjunto perfeito para suscitar reações e emoções das mais variadas no público, não importando a idade.

Portanto, as memórias afetivas da infância e a experiência pessoal me levou ao tema desta pesquisa que tem como problema: Quais reações e emoções os fantoches usados na mediação da leitura suscitam nas crianças?

Dito isso, a pesquisa se justifica pela tentativa de contribuir no âmbito da Biblioteconomia, com os contadores de histórias e mediadores de leitura que utilizam os fantoches durante suas atividades e para aqueles que ainda não os utilizam que possam tentar usufruir deste recurso tão encantador.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as reações e emoções que os fantoches usados na mediação de leitura suscitam em crianças, a partir da percepção dos mediadores de leitura que contribuíram para este estudo. Como objetivos específicos, destacam-se: levantar literatura que sirva de embasamento nos temas abordados neste trabalho; reunir relatos dos mediadores de leitura e contadores de histórias que utilizam os fantoches em suas atividades e descrever e tecer considerações sobre as reações e as emoções que os fantoches suscitam em crianças que ouvem histórias com este recurso.

Nas seções a seguir serão abordados os temas específicos que constituem este trabalho de conclusão de curso.

2 OS FANTOCHES E SEU SURGIMENTO

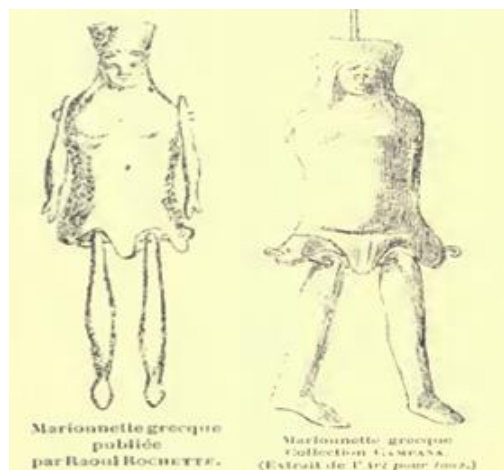
Conforme Petite (1911) os fantoches são uma das versões da evolução dos bonecos criados nas antigas civilizações. Não é possível datar o surgimento de nenhum deles, mas os vestígios nos levam a crer que seu surgimento se deu no Egito, Grécia e Roma antigos. Segundo Ladeira & Caldas (1989, p. 10), o teatro utilizando bonecos se originou na remota Antiguidade:

Acredita-se que na Pré-História os homens se encantavam com suas sombras movendo-se nas paredes das cavernas. Nessa época, as mães teriam desenvolvido o teatro de dedos, projetando, com as mãos, sombras diversas nas paredes para distrair os filhos.

Em Mênfis, capital do antigo Egito, foram encontrados sarcófagos que continham bonecos no seu interior. Os pais acreditavam que era conveniente que o brinquedo preferido da criança a acompanhasse após a morte na sua suprema jornada. Foram encontrados bonecos talhados em madeira e marfim, alguns eram articulados nos braços, pernas e cabeça. A maioria com traços femininos e também a diferença do entalhe era bem perceptível, conforme os detalhes nas peças melhor era a condição da família ou criança (rica ou pobre) a qual pertencia o boneco.

Nas escavações em Atenas foi possível encontrar estatuetas em terracota e algumas tão grandes quanto as bonecas modernas. Algumas destas estavam vestidas com túnicas e até com uma espécie de coroa na cabeça, outras presas pelo pescoço para manterem-se em pé, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Fantoches gregos



Fonte: Petite (1911).

Os gregos, o povo que mais gostava de teatro dramático nessa época também apreciava o teatro de fantoches, que cativou não só as crianças, mas os adultos também. Os fantoches eram falantes, bastava começarem a falar em praça pública que surgiam muitas pessoas para assisti-los. Também eram muito bem articulados, podiam virar a cabeça em várias direções, pernas e braços, os olhos também se movimentavam. Ao final das apresentações, curvavam-se graciosamente em agradecimento, pareciam pessoas. O teatro era apresentado em um móvel com cortinas, onde os manipuladores ficavam escondidos, modelo usado até os dias atuais.

Usavam os fantoches para imitar os oradores, políticos, poetas e filósofos e suas falas eram desrespeitosas e de zombaria, o que fazia a alegria do povo ateniense. Mas não era só o povo que gostava dos fantoches, serviam de entretenimento às famílias aristocráticas, em festas e casamentos os convidados divertiam-se com os variados personagens e suas fantasias. O teatro de fantoches cresceu tanto que os governantes permitiram suas apresentações no teatro, onde vibravam os versos de Eurípedes.

Em Roma, os fantoches também surgiram como na Grécia, mas não se pode afirmar quando e como. Acredita-se que o primeiro a surgir foi Maccus, no início da civilização romana. Após a invasão dos povos Bárbaros que saquearam templos e teatros, os bonecos e fantoches desapareceram assim, como o império Romano. Na figura 2 podemos observar dois modelos de fantoches romanos.

Figura 2 - Fantoches romanos



Fonte: Petite (1911).

Um dia eles reapareceram, talvez com andarilhos, de onde vieram, ninguém sabe. Surgiam contando histórias da Bíblia, ou como a personificação de um herói. Faziam suas apresentações e sumiam como mágica, pois não queriam ser acusados de bruxaria e queimados em praça pública. Ladeira e Caldas (1989, p.10) afirmam que:

[...] na Idade Média, os bonecos eram utilizados nas doutrinações religiosas e apresentados em feiras populares. Houve um período em que os integrantes desses grupos de teatro foram muito perseguidos porque representavam personagens que faziam críticas às autoridades religiosas.

Com o renascimento cultural que teve seu início na península Itálica, a Commediadell'Arte, recebeu muitos incentivos e novamente o móvel de madeira com cortinas estava sendo montado. Todos paravam para olhar e aguardavam ansiosos o espetáculo começar. Agora as histórias representadas também eram sobre as batalhas e algumas eram cruéis, a diversão estava nas ruas para qualquer um assistir. Então surge o fantoche pequeno, de mão, chamado de Burratini. Como podemos ver nas Figuras 3 e 4, todos se encantaram com os pequeninos.

Figura 3 - Teatro de fantoche de mão



Fonte: Petite (1911).

Figura 4 - Teatro de fantoches de mão em Veneza



Fonte: Petite (1911).

Durante o século XVII, alguém inventou uma nova técnica, fazendo com que o fantoche se movimentasse. Um fio principal, preso na cabeça do boneco para o sustentar em pé e outros fios muito finos amarrados nas partes do corpo do boneco, todos presos por um pedaço de madeira onde uma pessoa manipulava as cordas fazendo parecer que o boneco tinha vida própria. Acreditava-se que esta técnica tenha surgido em Milão, pois foi lá que se se ouviu pela primeira vez sobre este novo modelo de fantoches, que depois foi chamado de marionete.

Com o passar do tempo todos os países já tinham seus fantoches, caracterizados conforme a cultura local. Com seus gestos eles transmitem todos os tipos de sentimentos e com isso fazem com que seu público sinta as mais variadas reações e moções. Essa é a magia dos fantoches, encantar a todos. Na Bélgica, na

França, na Turquia, na Alemanha, na Espanha, na Grécia, na Rússia, em Java, nas Américas, e na China, todos estes países tiveram seus fantoches famosos.

Na Itália, o boneco mais conhecido foi o maceus, que antecedeu o polichinelo. Na Turquia havia o karagoz; na Grécia, as atalanas; na Alemanha, o kasper; na Rússia, o petrusca; em Java, o wayang; na Espanha, o cristovan; na Inglaterra, o punch; na França, o guinhol; no Brasil, o mamulengo. Todos esses bonecos, de poucos recursos técnicos, mas com grandes possibilidades expressivas, possuem algo em comum: a irreverência, a espontaneidade, a não-submissão ao estabelecido, a comicidade e, por vezes, a crueldade. (LADEIRA; CALDAS,1989, p.11).

Na Figura 5 podemos observar o fantoche mais conhecido da França, o Guignol. Na Figura 6, podemos verificar o Guignol em uma versão parisiense. Na Figura 7, uma a apresentação do Guignol ao público.

Figura 5 - Guignol da França



Fonte: Petite (1911).

Figura 6 - Versão parisiense do Guignol



Fonte: Petite (1911).

Figura 7 - Apresentação do Guignol para o público



Fonte: Petite (1911).

Na Itália o fantoche mais famoso foi o Polichinelle. Foi um fantoche com muitas versões. Conforme a Figura 8 podemos observar uma das várias versões de Polichinelle.

Figura 8 - Polichinelle da Itália



Fonte: Petite (1911).

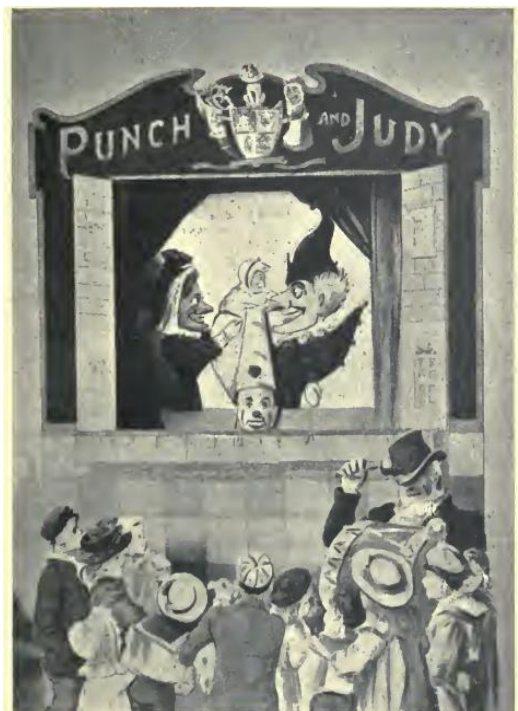
Continuando nossas ilustrações sobre os fantoches, é possível observar na Figura 9, Punch, o fantoche mais famoso da Inglaterra e, na Figura 10, uma das apresentações de Punch e sua plateia.

Figura 9 - Punch da Inglaterra



Fonte: Petite (1911).

Figura 10 - Apresentação de Punch



Fonte: Petite (1911).

A seguir, na Figura 11 podemos conhecer Casperl, o fantoche mais famoso da Alemanha e na Figura 12, uma de suas apresentações.

Figura 11 - Casperl da Alemanha



Fonte: Petite (1911).

Figura 12 - Apresentação de Casperl



Fonte: Petite (1911).

Dando continuidade às nossas ilustrações, na Figura 13 podemos ver *Woltje*, o fantoche mais famoso da Bélgica, e na Figura 14 o mais famoso da Turquia, o *Karagueuz*.

Figura 13 - Woltje da Bélgica



Fonte: Petite (1911).

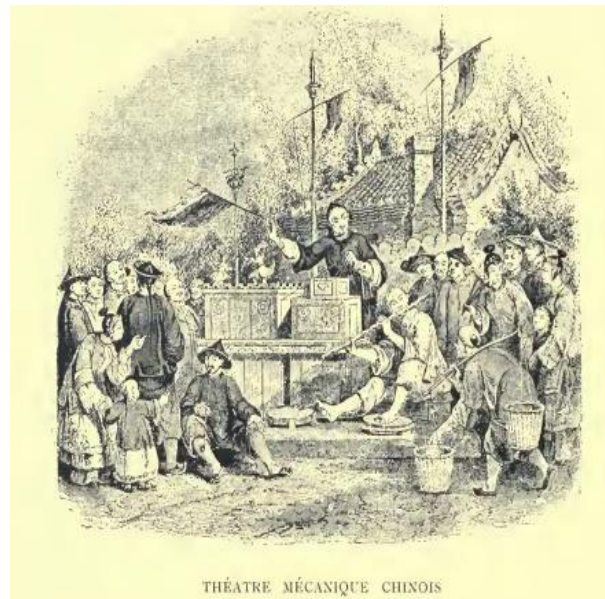
Figura 14 - Karagueuz da Turquia



Fonte: Petite (1911).

Já na Figura 15, uma demonstração do teatro de fantoches chinês.

Figura 15 - Teatro de fantoches chinês



Fonte: Petite (1911).

Na Figura 16 podemos ver o Wayang, fantoche mais famoso de Java e na Figura 17 observamos uma apresentação de fantoches javanese e Wayang encontra-se entre eles.

Figura 16 - Wayang de Java



Fonte: Petite (1911).

Figura 17 - Apresentação dos fantoches javaneses



Fonte: Petite (1911).

Como podemos perceber, esta forma de arte está presente na vida dos humanos há muito tempo. Em nossos dias, utilizamos os fantoches para entreter e educar as crianças, em casa ou na escola, pois o desenvolvimento da criança melhora muito se ela for estimulada. Tudo que a rodeia, o que ela vê, toca e ouve são importantes. Para Ladeira e Caldas (1989, p.12) "De início, deve-se deixar a criança manusear os bonecos a seu bel-prazer". Isso fará com que ela, aos poucos, vá descobrindo todo o potencial daquele boneco.

Segundo Scheel (2012) crianças são crianças, não importando a sua cultura, e os fantoches são importantes para o seu desenvolvimento emocional. Ao brincar com fantoches elas conseguem tomar decisões. Os fantoches não julgam, não criticam e não exigem, eles estão ali, esperando que alguém lhe dê a vida. São ótimos terapeutas, tanto no palco ou sendo manipulados, não precisam de manuais explicativos de como usá-los, não dependem de idioma e são ótimas ferramentas para expressar as emoções.

Quando a criança já consegue manusear sozinha o fantoche, muitas vezes ela o usa como forma simbólica de comunicação, ela consegue falar através dele, demonstrar seus medos, anseios a sua timidez, pois não está falando por ela, e sim por seu fantoche. O teatro de fantoches também colabora com o desenvolvimento dos movimentos, da coordenação motora, da percepção, da narrativa, dos seus vários

timbres de voz e favorece a interação com meio em que a criança se encontra. (MAJARON, 2012).

A mesma coisa acontece no processo da aprendizagem na comunicação entre o professor e o aluno, ou entre os alunos. O fantoche funciona como um mediador na comunicação e muitas vezes a melhora. Uma marionete nas mãos de um professor aparece para dar alívio. A criança é aliviada de seu medo da autoridade e pode facilmente estabelecer contato com o meio ambiente. (KOROSEC, 2012, p.34). (Tradução nossa¹).

Para Majaron (2012, p.14, tradução nossa²) "Criar um fantoche é um agir, apoiando a autoestima de uma criança". Conforme o autor, usar o fantoche ajuda muito a comunicação verbal, a criança cria diálogos novos para uma história já conhecida, acrescenta novos personagens e desfechos, assim como produz variadas modulações de voz para cada um dos diferentes personagens. Um fantoche pode recitar poemas, aprender a falar outros idiomas e pode simplesmente ouvir o outro falar.

Ainda segundo Majaron (2012), adicionar os fantoches nos primeiros anos escolares diminui muito o estresse das crianças, tornando esta nova fase da vida mais suave. Os educadores com criatividade podem ensinar o alfabeto, os números, matemática, história... enfim, tudo é possível interagindo com os fantoches. Eles são de grande ajuda para aquelas crianças que ainda não conseguem compreender o significado de certas palavras, pois os gestos do fantoche podem facilitar o entendimento.

O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p.244).

¹ The same thing happens in the learning process, in communication between the teacher and the student, or among the students. The puppet functions as a mediator in communication and often improves it. A puppet in the hands of a teacher seems to give relief. The child is relieved of his/her fear of authority and can easily establish contact with the environment.

² Creating a puppet is an act, supporting a child's selfesteem.

Magnin (1852) lamenta que os escritores da antiguidade não tenham nos transmitido maiores detalhes sobre os fantoches e suas apresentações. Mas, mesmo com o pouco de informações que se tem sobre a época, é impossível negar que os fantoches encantaram as mais antigas civilizações, que eles os alegraram e continuam alegrando a vida de muitos até hoje e nos mais variados ambientes. Alguns foram temidos e outros foram amados, sobreviveram as guerras, devastações, crenças e fogueiras, mas foram persistentes, como que por magia sabiam de sua importância...

A seguir, frases de Polichinelle ao iniciar sua apresentação:

Senhores, se pela minha brincadeira
Eu posso te fazer rir por um momento,
Para mim é uma grande vantagem
Eu ficarei feliz.
Meu único desejo é te agradar,
Para se divertir com meus jogos,
E meu desejo mais precioso
É sempre te satisfazer.
Polichinelle
(PETITE, 1911, p.3). (Tradução nossa³).

³ Messieurs, si par mon badinage Je puis vous faire rire un instant, Pour moi c'est un grand avantage Dont je me trouverai content. Mon seul désir est de vous plaire, De vous amuser par mes jeux, Et mon vœu le plus précieux Est toujours de vous satisfaire. Polichinelle.

3 OS CONTOS DE FADAS

Não se pode afirmar quando ou onde surgiram os contos de fadas. De acordo com Coelho (2003), tudo indica que tenham surgido com os celtas, povo conhecido por ser extremamente místico. Os celtas veneravam a natureza em toda sua variada forma, assim como todas as águas eram consideradas sagradas pois a consideravam como geradora da vida. Pesquisas arqueológicas indicam que todos os vestígios culturais estão ligados aos celtas, muito antes da cultura romana.

Evidentemente, é impossível a determinação exata do ponto geográfico ou o momento temporal em que as fadas teriam nascido. Mas as milhentas pesquisas realizadas por historiadores, antropólogos, filólogos, etnólogos, etc. apontam para a origem celta. (COELHO, 2003, p.71)

Os contos de fadas eram cheios de seres com poderes sobrenaturais, seres fantásticos, gigantes, animais com dom da fala, bruxas malvadas, fadas boas, seres bons e maus. Um mundo repleto de magia, feitiços e encantamentos com a constante luta do bem contra o mal. Coelho (2003, p.73) afirma que "Não há dúvida de que, em sua origem, as Fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos".

Os contos espalharam-se pelos continentes, e com o passar do tempo foram adaptados conforme as crenças de cada povo. Por isso não é incomum encontrarmos versões variadas de um mesmo conto e escritas em diferentes épocas. Tatar (2004, p.14) afirma que "O material de fundo em cada conto de fadas o ancora em seu contexto histórico, revelando as peculiaridades textuais e as reviravoltas ocorridas ao longo do tempo em lugares com diferentes culturas".

Já no final do século XVII os contos primitivos estavam desaparecendo e se transformando em folclore popular. Os contos eram contados por um membro da família, e este costume passava de geração em geração assim como os contos. Considerado como momento especial de entretenimento entre os camponeses, reuniam-se em torno de fogueiras, nas lavouras, lareiras ou em um cômodo especial da casa para ouvirem os contos. Começam então a surgir os escritores de contos de fadas, mas não eram contos como os conhecemos hoje em dia.

Os contos eram muitas vezes cruéis e pornográficos, pois relatavam as muitas experiências do cotidiano, as angústias, medos e desejos dos adultos.

Somente no final do século XVIII, devido a muitas críticas dos intelectuais da época, que os contos de fadas começaram sofrer mudanças. As crueldades e violências, principalmente as que eram sofridas por crianças, foram sendo retiradas dos contos de fadas. (COELHO, 2003).

No século XIX os contos passaram a ser direcionados a crianças, mas com um ideal religioso, alguns com finais trágicos ou tristes. Eles também davam sugestões sutis de comportamento. Nessa época os contos de fadas passaram a ser contados para as crianças por seus pais, avós e até mesmo por suas amas. Ouvir contos de fadas estava começando a ter um significado especial, um momento prazeroso e de aconchego para os pequenos.

Os contos de fadas, outrora narrados por camponeses ao pé da lareira para afugentar o tédio dos afazeres domésticos, foram transplantados com grande sucesso para o quarto das crianças, onde florescem na forma de entretenimento e edificação. (TATAR, 2004, p.10)

Porém, os contos de fadas foram além de uma forma de entretenimento ou de uma forma carinhosa de embalar o sono dos pequenos. De acordo com Tatar (2004) as histórias também servem para os adultos explicarem aos pequenos sobre inúmeros assuntos, entre eles, o medo, a morte e o abandono. Tal a importância dos contos de fadas que no século XX surgiram psicólogos e psiquiatras com interesse no possível valor terapêutico dos contos de fadas.

No curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fadas como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas neles encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos. (TATAR, 2004, p.10).

Em meados do século XX algumas escolas também implementaram os contos de fadas como atividade. Tornou-se conhecida como "a hora do conto", um momento tão especial do dia para alegria das crianças, independentemente da idade. Os educadores também começaram a fazer uso dos contos de fadas como uma

estratégia de ensino. Tatar (2004, p.12) afirma que "Esse tipo de leitura pode assumir muitas feições diferentes: séria, brincalhona, meditativa, didática, empática ou intelectual", isso ajuda o educador a montar sua estratégia, ou seja, pode escolher a história mais adequada para determinada turma e determinada ocasião.

Portanto, podemos constatar a importância dos contos de fadas nas vidas das crianças. Com o passar do tempo eles tiveram seu significado avaliado em diversas maneiras. Iniciando como um simples entretenimento à aproximação das crianças com os pais e da família. Depois, descobriram que os mesmos contos de fadas também poderiam ser usados para resolver conflitos pessoais. Finalmente chegaram na escola, onde ainda estão sendo usados, como forma de entretenimento e educação.

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias, uma atividade tão antiga e que é impossível datar seu surgimento. Ela estava presente na vida dos humanos mesmo antes da escrita ser desenvolvida. No tempo em que o homem ainda habitava as cavernas, com os desenhos que faziam nas rochas, podiam demonstrar suas vivências diárias, como os desafios constantes para sobreviver, como iam aprimorando suas técnicas, suas descobertas. Contar histórias tornou-se uma condição básica do homem para perpetuar conhecimentos, experiências, momentos de felicidade ou de tristeza, suas angústias e medos, reais ou imaginários.

O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionam. E por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, tem selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (MEIRELES, 1984, p.47).

Com o passar do tempo, foram se transformando em cultura de um determinado grupo, de um determinado local, de um determinado tempo em que viviam. Reuniam-se ao redor de fogueiras para ouvir alguém contar uma história, histórias do imaginário ou de lembranças passadas. Para Fleck (2007) "A palavra pronunciada era legitimadora, verdadeira, incontestável." Assim, podemos entender que as histórias contadas eram importantes para os ouvintes, uma forma de se entreterem e de manter viva suas memórias. Na visão de Hernandez (2017, p.17).

Somos seres de histórias. Essa é a condição fundamental de nossas sociedades. Só o ser humano, mulher ou homem, consciente de ser uma unidade, mas ao mesmo tempo parte de um todo maior, é capaz de se explicar e se explicar na Terra por meio de histórias: nós os chamamos de histórias. Só o ser humano, espécie privilegiada com a palavra, pode relacionar aos outros o seu presente, o seu passado, o seu meio. E pode também o expandir, o presente, interpretá-lo e transformá-lo perante os outros, por aquela magia civilizadora que é a palavra. (Tradução nossa⁴).

⁴ Somos seres de historias. Esa es la condición fundamental de nuestras sociedades. Sólo el ser humano, mujer u hombre conscientes de ser unidad pero al mismo tiempo parte de un todo más amplio, es capaz de explicar y explicarse en la Tierra a través de los relatos: les llamamos historias. Sólo el ser humano, especie privilegiada con la palabra, puede relatar a otros su presente, su pasado, su entorno. Y puede también expandirlo, el presente, interpretarlo y transformarlo ante los demás, por esa magia civilizatoria que es la palabra.

Conforme Champlim e Renfro (1985, p.4) "[...] quando a palavra escrita era escassa ou, em algumas culturas, inexistente, era o contador de histórias quem preservava o conhecimento". A contação de história que por muito tempo foi considerada inferior à escrita, atualmente pode ser considerada como arte da fala. Abramovich (2009, p.18) afirma: "Contar histórias é uma arte...e tão linda!!!". Ela promove o conhecimento, enriquece a aprendizagem, auxilia no despertar da imaginação, da curiosidade e uma variedade de outros sentimentos.

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 236).

A contação de história que acontecia nas rodas de fogueira, hoje, acontece em vários ambientes, por exemplo: no aconchego do lar, aproximando pais e filhos; nas escolas, as educadoras se utilizam desta técnica não só para entreter mas também para ensinar os mais variados temas; nas praças, elas divertem a quem consegue presenciar e às vezes o público é convidado a participar, como auxiliar, ou até mesmo para fazer papel de um dos personagens da história que está sendo contada. Os locais e os temas são inúmeros, só depende da vontade e criatividade de quem conta a história.

No ambiente escolar a contação de histórias torna-se uma maravilhosa ferramenta que favorece o desenvolvimento da criança. Ela se torna mais crítica e suas emoções são afloradas. Muitas vezes as crianças vivem um conflito ou uma tristeza seja a perda de um ente querido ou a notícia de que irá ganhar um irmãozinho, não importa, tudo depende se para ela significa ser bom ou ruim. Ao ouvir histórias, a criança pode entrar no mundo imaginário e encontrar ajuda para resolver seus problemas ao se identificar com um personagem.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2002, não paginado).

Conforme Abramovich (2009, p.18) "Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz...". Para a autora, contar histórias é considerado uma arte, por isso não pega o primeiro livro que se vê, pois um conhecimento prévio da história deve existir por parte de quem irá narrá-la. Podemos compreender que o contador de histórias deve ter um preparo para contar uma história, conhecer bem os personagens de sua história, o vocabulário, deve cuidar a entonação da voz e se possível, utilizar cenários, roupas ou fantasias que estejam adequadas ao tema.

Na visão de Champlim e Renfro (1985), ao utilizar recursos como os fantoches em contação de histórias, o narrador consegue dar vida à história de forma plena e significativa. A utilização dos fantoches consegue chamar a atenção de seu público, fazendo com que fiquem mais perto e que se envolvam muito mais no que está sendo narrado. A conexão com a história será mais forte, tornando-se uma experiência multissensorial importante e influente.

Busatto (2012) apresenta, com muita propriedade, o "Manifesto do Contador de Histórias":

- O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra.
- O contador de histórias empresta seu corpo e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.
- O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo.
- O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe.
- O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só.
- Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece fios invisíveis desta teia que é o contar.
- A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reatualiza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo.
- A arte de contar histórias nos liga ao indizível e traz respostas às nossas inquietações.

- Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.
- Contar histórias expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.

Contar histórias aos pequenos pode se transformar em uma estratégia para aguçar a curiosidade, querer ouvir mais, conhecer novos personagens, ou até saber o que acontece com cada um deles. Conforme vão se desenvolvendo a curiosidade vai tomando outro rumo, a vontade de conhecer as letras, números, lugares, cores, entre outros.

Abramovich (2009, p.16) afirma, "Ah! Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias". Ouvir histórias poderá despertar na criança a vontade de ler, de viajar pelo mundo, conhecer diferentes culturas, enfim... os livros, as histórias e os fantoches, tem esse poder.

5 A MEDIAÇÃO DA LEITURA

A tarefa do mediador de leitura vai muito além do contar histórias, pois através da mediação da leitura a chance de transformação social acontecer aumenta. O mediador de leitura, deve ser um leitor natural, que goste de vários gêneros e que não faça juízo de valor, deve estar sempre atualizado e com a mente aberta. Além disso, o mediador de leitura também deve possuir a sensibilidade para reconhecer as necessidades de seu público, independente da idade.

Segundo Silva (2006, p. 78) “[...] para mediar a leitura é preciso ser generoso com o outro em formação e lembrar-se do próprio percurso como leitor”. Nem todas as pessoas adquirem o gosto pela leitura ainda na infância, assim como nem todas as crianças tiveram algum membro da família lhe contando histórias. Cada indivíduo tem suas particularidades, que pode ser dificuldade ao ler ou de interpretar o texto. Também existem aqueles que não se sentem merecedores de conhecimento ou pelo contexto em que viveram ou em que se encontram.

Viver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor, no entanto, o exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros. Mas é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor. (AGUIAR, 2011, p. 110).

A mediação da leitura deve ter seu início no lar e ter sua continuidade na escola. Mas nem sempre é assim, muitas vezes esta tarefa fica somente a encargo da escola, que infelizmente, muitas vezes também falha. Vivemos em um tempo que as tecnologias estão presentes em toda parte, e muitas escolas se preocupam em acompanhar o surgimento dessas tecnologias e as adquirem para que seus alunos possam usufruir.

[...] de nada adiantam espaços bem construídos, modernos, com aparatos tecnológicos, se os principais agentes de leitura não forem preparados. E a preparação não começa de outra forma a não ser por um comportamento leitor. (FRIZON; GRAZIOLI, 2018, p. 140).

Mesmo com toda tecnologia ao alcance da maioria das crianças, ainda necessitamos dos métodos usados desde o surgimento da humanidade, uma boa história narrada por um bom mediador. A mediação da leitura favorece em muito a aprendizagem e a alfabetização. Para Moro e Estabel (2011, p.70) "Desde o nascimento, a criança inicia sua relação com o mundo por meio da mediação, e em todo o processo do seu desenvolvimento a mediação está presente de diferentes maneiras, intensidades e formas".

Infelizmente é comum ouvir crianças dizendo que não gostam de ler, se o livro não for ilustrado ou se as letras forem pequenas, o desinteresse é total. Com os jovens não é muito diferente, justificam dizendo que não gostam de ler pois na escola eram obrigados a ler títulos que não lhe agradavam, e por isso perderam o interesse pela leitura. Outros ainda dizem que a "tia da biblioteca" era uma pessoa desagradável e isso os desestimulava a frequentar a biblioteca, e conseqüentemente, a leitura.

Para Bortolin e Burghi (2014, p. 215) "Na escola a mediação deve ser mais afetiva para que se possa contribuir com a formação de leitores [...]". A mediação da leitura dentro da sala de aula ou em outro ambiente escolar deve acontecer de forma que o mediador consiga cativar o ouvinte, prender sua atenção e instigar sua curiosidade. Com isso, certamente estarão colaborando para o surgimento de novos leitores que amem a leitura e que não o façam mecanicamente, sem desfrutar do todo que ela pode propiciar.

O bom mediador de leitura sabe que deve ter conhecimentos prévios sobre determinados aspectos da atividade, entre elas: ter amor pela atividade, ser um leitor incansável pois isso fará com que ele saiba exatamente qual história mediar para determinado público, amar a leitura em seus mais variados gêneros, ter sensibilidade para perceber qual a necessidade dos ouvintes e usar recursos quando se fizer necessário, pois cada público tem suas diferenças e necessidades.

Uma das premissas básicas para mediar à leitura na escola é que o mediador seja leitor, pois desta forma, ele terá mais claro para si mesmo, não apenas as metas pedagógicas, mas a sua própria experiência íntima com o texto poderá fazer diferença no processo de mediação. (SILVA, 2015, p. 496).

Conforme Abramovich (2009, p.17) "É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir. É ficar sabendo História,

geografia, filosofia, sem precisar saber o nome de tudo isso e sem achar com cara de aula". Logo, conseguimos compreender que através da mediação da leitura, o educador como mediador, estará cumprindo o papel de agente transformador social.

A mediação da leitura poderá causar mudanças no ouvinte, e o mesmo poderá se transformar em leitor, e conseqüentemente, poderá transformar o seu entorno.

6 AS REAÇÕES E EMOÇÕES DE CRIANÇAS NA INTERAÇÃO COM AS HISTÓRIAS UTILIZANDO FANTOCHES

As reações e emoções que podem aflorar nas crianças ao ouvirem uma boa história, com certeza são as mais variadas. Roscoe (2012) afirma que o hábito de leitura dos pequenos pode ser estimulado mesmo antes do nascimento, quando ainda estão no ventre materno. Enquanto a mãe lê para o bebê que ainda está em seu útero, faz com que vá surgindo um laço afetivo importante entre eles.

A leitura em voz alta durante a gestação, mais que uma atitude focada na possível formação de futuros leitores, é um gesto de carinho, de doação e que, certamente traz muitos benefícios. Na gestação, as mães, por carregarem seus filhos no útero, tem mais oportunidades de interagir, de se fazerem presentes na percepção do bebê. (ROSCOE 2012, p.7)

Após o nascimento, são necessárias certas rotinas, como por exemplo, ter horário do banho e de alimentação, dar continuidade da rotina de ler histórias que teve seu início quando o bebê ainda estava no ventre é muito importante. O conjunto de rotinas faz com que o bebê se sinta seguro e este sentimento deve permanecer durante seu crescimento, assim como a construção do imaginário acontece por meio das histórias que ouve. O simples ato de colocar a criança no colo para contar uma história fará com que ela sonhe, imagine e aguçe sua curiosidade, e o encantamento desse momento poderá ser inesquecível. (ROSCOE, 2012; MACHADO; SANDRONI, 1991).

As crianças de 0 a 3 anos estão na fase da não-leitura, nesta fase é muito importante ouvir os sons, inclusive as cantigas para dormir e as histórias contadas não devem ser longas. Conforme Abramovich (2009, p.24) "O livro que a criança ainda não lê é a história contada". Também nesta fase é comum as crianças terem predileção por histórias que relatem sua fase de bebê, pois elas não recordam, e isso a faz desenvolver noções de identidade e passado. Os livros, devem estar presentes nesta fase, (preferencialmente aqueles com figuras coloridas). (MACHADO; SANDRONI, 1991).

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2009, p. 17).

Segundo Machado e Sandroni (1991, p.12): “A criança percebe, desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. Na idade dos 3 aos 6 anos as crianças entram na fase da pré-leitura. É nesta fase que acontece o desenvolvimento da linguagem oral, onde também tem início a associação das imagens com as palavras. Nesta etapa do desenvolvimento a criança já consegue ouvir histórias mais longas. Os livros devem ser coloridos e com muitas ilustrações, pois servirá de incentivo, ao olhar as figuras poderá criar e contar a sua própria história. Nesta fase as crianças já conseguem ter conhecimento de uma variedade grande de livros, que pode ser não somente os seus, mas os do amiguinho, ou os da escola que frequenta. Ela também já sabe selecionar os que mais gosta e continua querendo ouvir histórias.

Por isso, a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos à criança: o adulto que pega uma criança no colo e a embala com aquelas cantigas tradicionais, que brinca com o bebê usando as histórias, [...] que folheia uma revista ou um livro buscando as figuras conhecidas e pergunta o nome delas, está colaborando - e muito - para uma atitude positiva diante da leitura. (MACHADO; SANDRONI, 1991, p.11).

A fase dos 6 aos 8 anos, é fase da alfabetização, leitura silábica e de palavras, com dificuldade de associar o que lê com pensamento completo a que o texto remete. Ainda é necessário que as figuras estejam presentes pois facilita a compreensão. É considerada como a fase de ouro do mundo da fantasia pois a criança já compreende o que é fantasia e não se preocupa mais com o medo de alguns personagens encontrados nas histórias infantis, como bruxas más e os outros seres que podem vir causar medo e angústia. Agora ela já consegue lidar com este tipo de personagem, pois entende que são inventados e que consegue brincar com eles, como se fossem reais. Nesta etapa as histórias podem ser mais longas, se ela não quiser ler sozinha. (MACHADO; SANDRONI, 1991).

Para as crianças que estão na fase entre 8 e 10 anos, dão início à leitura sintática, já conseguem compreender trechos completos de alguns textos curtos, mas que sejam de fácil compreensão. Agora as figuras servem somente de apoio.

Ao chegarem à idade de 10 aos 12 anos, as crianças entram na fase do desenvolvimento, que é a passagem gradual da leitura sintática para a leitura crítica. Nessa fase os textos são maiores e mais complexos no que se refere a estrutura, linguagem e ideia, incluindo a visual. (MACHADO; SANDRONI, 1991).

Ainda Machado e Sandroni (1991), afirmam que a fase dos 12 aos 14 anos de idade, já começam a desenvolver a leitura crítica, conseguem assimilar ideias e reelaborá-las partindo de sua experiência pessoal e confrontá-las com o material que leu. Ao chegar na fase dos 14 anos, a leitura torna-se crítica e independente, tornando-se cada vez maior e próxima da literatura adulta.

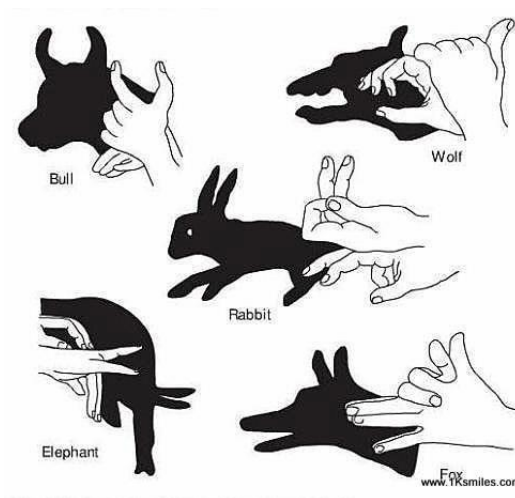
Ouvir histórias, no aconchego do lar, ou mesmo na escola juntamente com seus colegas é uma experiência que todas as crianças deveriam ter. Ler ou simplesmente olhar as figuras presentes no livro, são coisas distintas, mas estão ligadas. Ouvir, ler, olhar ou tocar, são sentidos que levam a criança a mundos distantes e maravilhosos. Faz surgir a curiosidade e querer saber mais, ver mais, inventar personagens e novas histórias, tudo isso é possível nesse mundo imenso das histórias e da imaginação.

7 O ENCANTAMENTO NA CONFECÇÃO DOS FANTOCHES

Como foi visto na seção intitulada “Os Fantoques e seu Surgimento”, uma parte deste trabalho buscou, dentro do possível, apresentar elementos históricos na tentativa de uma breve elucidação de como e quando surgiram os fantoches. Nele também é possível observar algumas imagens dos primeiros modelos que foram encontrados. Nesta seção do trabalho, como uma continuidade da seção citada anteriormente, serão apresentadas algumas imagens retiradas da *internet*, entre elas o teatro de sombras feitos com as mãos, fantoches e dedoches que são utilizados atualmente, e alguns itens de produção da autora.

Ilustrando um pouco o teatro de sombras, talvez o mais antigo método de teatro e a inspiração para o surgimento dos bonecos e fantoches, na Figura 18 podemos observar um dos modelos bem conhecidos e simples de realizar. Basta uma lâmpada e uma parede, realizar alguns movimentos com as mãos e os animais vão sendo projetados na parede por meio destes movimentos e do jogo de luz. Tentar fazer estas manobras com as mãos são momentos garantidos de diversão para os pequenos e para os adultos também.

Figura 18 - Teatro de sombras



Fonte: internet (<https://br.pinterest.com>).

Na figura 19 podemos ver alguns modelos de dedoches confeccionados em feltro. Eles podem ser costurados na máquina de costura, à mão ou com cola (cola quente ou silicone frio). Os materiais para produzir este tipo de fantoche são bem variados, além do feltro também podem ser confeccionados em tecidos de algodão,

em papel ou de material emborrachado, conhecido com E.V.A. A imaginação é o limite.

Figura 19 - Dedoches



Fonte: Internet (<http://www.feltroaholic.com>).

Observa-se na figura 20, neste outro modelo de dedoches, os dedos das crianças ou mesmo dos adultos, servem como perninhas para os personagens dos dedoches.

Figura 20 - Dedoche



Fonte: internet (<https://mentootlet.blogspot.com>).

A pedido de uma pessoa muito especial, aceitei confeccionar a boneca Mafalda, (uma personagem de quadrinhos) criada por Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido pelo pseudônimo de Quino, cartunista argentino-espanhol. A encomenda desta personagem foi ao mesmo tempo um prazer e um desafio. Começar por onde, qual tecido mais adequado para usar? Então tinha que iniciar os testes de moldes e tecidos.

Devido ela ter uma cabeça diferenciada, o início do trabalho foi por ela, fazer a modelagem e tentar acertar as curvas da cabeça. Foram várias tentativas até chegar ao resultado mais próximo da modelo de inspiração. Depois, acertar a posição do nariz, olhos e boca. Na figura 21 é possível visualizar a cabeça e nariz da boneca Mafalda. Na figura 22 pode-se ver início dos testes com os cabelos e olhos.

Figura 21 - Cabeça e nariz da boneca Mafalda



Fonte: Pinheiro (2021).

Figura 22 - Teste com cabelos e olhos



Fonte: Pinheiro (2021).

Após algumas tentativas, erros e acertos, finalmente, na figura 23 podemos visualizar a boneca Mafalda concluída e esperando para ir ao seu novo lar. Alguns ajustes ainda devem ser feitos na modelagem para se aproximar um pouco mais do

modelo de inspiração. Na figura 23 é possível ver o detalhe dos sapatos da boneca Mafalda, o solado foi todo feito à mão, com pontinhos bem pequenos.

Figura 23 - Boneca Mafalda concluída



Fonte: Pinheiro (2021).

Figura 24 - Detalhe dos sapatos da boneca Mafalda



Fonte: Pinheiro (2021).

Na figura 25 visualiza-se a boneca Mafalda que serviu de modelo de inspiração para o desafio de confeccioná-la em tecido.

Figura 25 - Mafalda modelo inspiração



Fonte: internet (<https://www.diariodelviajero.com>).

Na figura 26 observa-se o boneco negrinho do pastoreio, produzido em tecido de algodão e cabelos feitos de lã. Foi confeccionado para servir de material de apoio na contação de história durante um evento realizado no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Porto Alegre em 2018.

Figura 26 - Negrinho do Pastoreio



Fonte: Pinheiro (2021).

Quem nunca ouviu a expressão: "abra a porta ou vou soprar", frase do lobo mau da história dos três Porquinhos, um clássico da literatura infantil. Os personagens desta história foram produzidos devido um pedido feito por uma pessoa que também considero muito especial, mas confeccionar somente os porquinhos... faltava algo... o Lobo. Então os três irmãos foram produzidos em tecido de algodão e o Lobo em plush (tecido com textura aveludada e maleável) para dar um aspecto de pelo baixo para o personagem. Na figura 27 observa-se os três porquinhos e na figura 28 o Lobo mau.

Figura 27 - Os três porquinhos



Fonte: Pinheiro (2021).

Figura 28 - Lobo mau



Fonte: Pinheiro (2021).

Na figura 29 os personagens da história dos três porquinhos em seu novo lar, onde fazem parte de momentos de muita alegria.

Figura 29 - Personagens da história os três porquinhos



Fonte: Pinheiro (2021).

Assim que o lobo mau ficou pronto surgiu um pensamento... aproveitar o lobo para outra história, Chapeuzinho Vermelho. Então para não parecer ser o mesmo lobo, foi confeccionado uma calça em outra cor, para diferenciar do lobo dos três porquinhos. Bem, aí a imaginação fluiu, não bastava acrescentar somente a protagonista da história, tinha que ter uma vovó, mas o caçador também não poderia faltar nesta coleção de personagens, e nem a cesta com os pães. Mas a camisola da vovó e o gorro de dormir para o lobo usar como disfarce, claro que tinham que ser confeccionadas, não poderiam ficar de fora. Os personagens desta história foram todos confeccionados em tecido de malha e algodão. Na figura 30, uma demonstração do lobo disfarçado de vovó, usando a camisola e gorro de dormir.

Figura 30 - Lobo disfarçado de vovó



Fonte: Pinheiro (2021).

Na figura 31 a Chapeuzinho Vermelho com a cesta de pães para levar na casa da vovó. A cesta foi confeccionada em esteira de palha, em tamanho adequado à boneca. Os pãezinhos são feitos de porcelana fria, também conhecido como Biscuit.

Figura 31 - Chapeuzinho vermelho e a cesta de pães



Fonte: Pinheiro (2021).

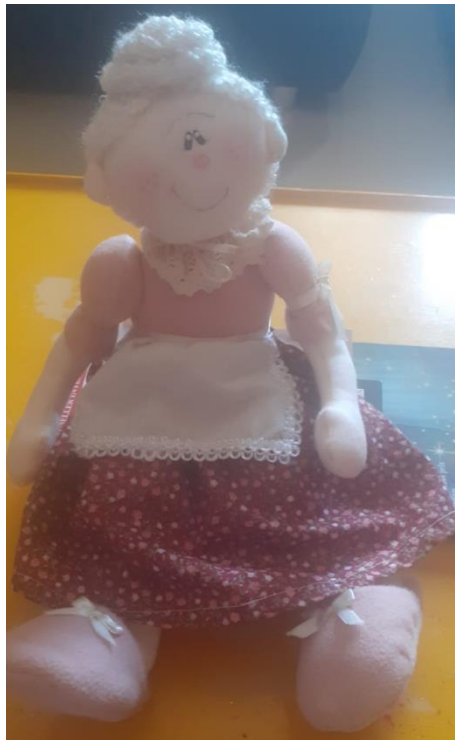
Na figura 32 temos o caçador, outro personagem da história de Chapeuzinho Vermelho, mas este não tem espingarda ou outro tipo de arma. Na figura 33, está a vovó da Chapeuzinho Vermelho: usa brincos de pérola e chinelinhos e está sentada esperando por sua neta e os pães.

Figura 32 - O caçador



Fonte: Pinheiro (2021).

Figura 33 - Vovó



Fonte: Pinheiro (2021).

Na figura 34 visualiza-se os personagens da história chapeuzinho vermelho em seu novo lar.

Figura 34 - Personagens da história chapeuzinho vermelho



Fonte: Pinheiro (2021).

Por último, mas não menos importante pois a motivação de confeccionar fantoches teve seu início partindo deles. Na Figura 35 os dois primeiros fantoches produzidos pela autora, o Leão e o Tigre. Não foi fácil a sua produção pois era iniciante na confecção deste tipo de material e não possuía molde algum.

Figura 35 - Primeiros fantoches Leão e o Tigre



Fonte: Pinheiro (2021).

A modelagem foi feita na coragem, com erros e acertos. A vontade de confeccioná-los era tão grande que a falta de moldes não importava. Ver as peças prontas e sendo utilizadas, não somente durante a contação de histórias, mas entre uma brincadeira e outra, levou a autora ao desafio de inventar outros modelos. Foi o início da produção de fantoches e bonecos em tecido. Tudo para ilustrar a hora do conto e instigar as reações e emoções nos pequenos e da própria autora.

8 METODOLOGIA DO ESTUDO

A seção sobre a metodologia utilizada neste estudo descreve a abordagem, a natureza, o objetivo, o procedimento, a coleta de dados, a apresentação e a interpretação dos dados da pesquisa. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.13) "A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa; portanto, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria) nem com os procedimentos (métodos e técnicas)".

Este estudo tem como foco uma abordagem qualitativa pois um estudo qualitativo é flexível, consegue-se muitos detalhes através dos relatos dos sujeitos participantes. Godoy (1995, p.23), considera a abordagem qualitativa como:

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Este tipo de abordagem também permite que o contato direto entre pesquisador e o que ele deseja descobrir. Quanto à sua natureza, é básica, buscando trazer novos conhecimentos e informações sobre as emoções e reações que os fantoches suscitam nas crianças que assistem uma contação de história com este tipo material de apoio. Na visão de Gil (2002, p.41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Ainda em Gil (2002) podemos ler que este tipo de pesquisa pode envolver uma pesquisa bibliográfica e também entrevistas, que devem ser realizadas com pessoas que tenham experiência e prática no que diz respeito ao problema da pesquisa.

Quanto ao procedimento desta pesquisa, foi desenvolvido o estudo de caso em conjunto com uma busca bibliográfica, que foi realizada previamente para embasar os temas abordados nesta pesquisa. De acordo com Gil (2002, p.41) "Embora o

planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso". A pesquisa bibliográfica se deu em: livros, livros em acesso aberto, na internet, *sites*, *blogs*, repositórios de trabalhos acadêmicos, teses, dissertações e artigos de revista on-line.

8.1 O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é uma das formas de se compreender algo e de se obter conhecimento sobre um determinado fato. Assim como, as informações obtidas não devem ser generalizadas ou induzidas, pois servirão para disseminar o conhecimento sobre determinado tema. Para Triviños (1987, p.133) "É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente". Para Ludke e André (2018, p.21), existem algumas características fundamentais no estudo de caso, são elas:

1. Os estudos de caso visam à descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir.

2. Os estudos de caso enfatizam a "interpretação em contexto". Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.

3. Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo.

4. Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. Ao desenvolver o estudo de caso, o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes.

5. Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas. O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas "generalizações naturalísticas".

6. Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. Quando o objeto ou situação estudados podem suscitar opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer

para o estudo essa divergência de opiniões, revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre a questão.

7. Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa. Os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas-redondas etc. Os relatos escritos apresentam, geralmente, um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições.

Na visão de Ludke e André (2018, p.20) "Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso". Então, podemos compreender que o estudo de caso busca encontrar novas informações sobre um determinado tema, em um determinado contexto, onde o pesquisador possa mostrar em uma linguagem de fácil compreensão para o leitor, as suas descobertas. Sendo favoráveis ou não ao esperado no início da pesquisa.

8.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados segundo Marconi e Lakatos (2003, p.166) "São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação". Para as autoras, é a fase inicial de uma parte muito importante da pesquisa, pois demanda dedicação, muita paciência e esforço físico do pesquisador, para que todos os dados sejam analisados com muito cuidado.

Para esta pesquisa o instrumento de coleta de dados selecionado foi a entrevista que segundo Ludke e André (2018) estabelece a relação de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde e permite a captação imediata e corrente da informação desejada, sobre os mais variados tópicos e possibilitando correções, esclarecimentos e adaptações tornando-a eficaz na obtenção de informações desejadas.

As autoras indicam três tipos de entrevistas: a padronizada ou estruturada, a não-padronizada ou não-estruturada e a semiestruturada. Por isso, a escolha recaiu na entrevista semiestruturada que se desenvolve a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente e possibilita que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

A entrevista é estruturada em 17 perguntas que oportunizam aos sujeitos participantes respondê-las de forma aberta, ou seja, de forma livre para expor suas opiniões e em sua linguagem própria. A mesma encontra-se dividida em 6 perguntas contextuais sobre os sujeitos respondentes e 11 direcionadas aos objetivos da pesquisa.

A entrevista foi enviada por *e-mail*, aos sujeitos participantes, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ambos se encontram nos Apêndices A e B respectivamente.

9 SUJEITOS DO ESTUDO

Quanto aos sujeitos do estudo participantes, foi estabelecido como critério principal que estes fizessem o uso de fantoches como material de apoio durante a contação de histórias realizada pelos mesmos. Entre os sujeitos participantes da pesquisa encontram-se: bibliotecários, técnicos em biblioteconomia, professor e comunicador.

Os sujeitos do estudo não se apresentam por suas reais identidades, somente pelos nomes dos fantoches famosos citados no referencial teórico. Assim também em relação aos seus locais de atuação específicos, somente são utilizados nomes genéricos, como por exemplo: biblioteca escolar. Na visão de Ludke e André (2018, p.59), "Uma medida geralmente tomada para manter o anonimato dos respondentes é o uso de nomes fictícios no relato, além, evidentemente, do cuidado para não revelar informações que possam identificá-los".

No Quadro 1, são apresentados os sujeitos, suas formações e locais de atuação.

Quadro 1 - Sujeitos do Estudo, Formação e Local de Atuação

SUJEITOS	FORMAÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO
Maccus	Bibliotecário	Biblioteca comunitária
Guignol	Técnico em Biblioteconomia	Biblioteca escolar
Polichinelle	Professor	Eventos, Bibliotecas, Praças, etc
Punch	Técnico em Biblioteconomia	Biblioteca escolar
Casperl	Bibliotecário	Biblioteca escolar
Woltje	Técnico em Biblioteconomia	Biblioteca escolar
Karagueuz	Bibliotecário	Biblioteca escolar
Wayang	Técnico em Biblioteconomia	Eventos, Bibliotecas e Escolas
Cristovan	Comunicador e artista	Bibliotecas, Fundações e Museus

Fonte: Pinheiro (2021)

10 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Quanto à coleta de dados, as entrevistas enviadas aos sujeitos respondentes foram devidamente preenchidas e reenviadas por e-mail à pesquisadora para posterior análise. O período de coleta se deu entre 01 de junho e 31 de agosto de 2021.

A análise dos dados, segundo Marconi e Lakatos (2003) pode ser considerada como uma explicação do pesquisador e também como a parte mais importante e difícil da pesquisa. Esta é a fase onde todos os dados são transcritos e analisados para que se responda o problema inicial da pesquisa, ou não. Mesmo que as conclusões não sejam a esperada pelo pesquisador, tudo deve ser apontado.

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise. (LAKATOS 2003, p.168)

Ainda de acordo com as autoras (MARCONI; LAKATOS; 2003) a análise se divide em 3 estágios:

- a) Interpretação: verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente).
- b) Explicação: esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente).
- c) Especificação: explicitação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando).

Portanto, após coletar todo o material da pesquisa o pesquisador deve se debruçar sobre ele, lendo e analisando, buscando assim, encontrar as respostas para o problema inicial da pesquisa.

Nesta etapa de coleta e de análise de dados sobre o estudo realizado, efetiva-se a apresentação das perguntas que constituem a entrevista enviada aos sujeitos participantes da pesquisa, juntamente com suas respectivas respostas seguidas da análise sobre os dados corroborando com o referencial teórico elaborado. As

respostas são apresentadas na íntegra expressa pelos sujeitos. Para preservar a identificação dos sujeitos participantes, cada um deles será denominado pelo nome de um fantoche histórico, como Maccus, Polichinelle, Punch, dentre outros.

Questão 1 - Como mediadora de leitura quais materiais você mais utiliza: livros, fantoches ou bonecos?

Maccus- *Utilizo sempre o livro nas mediações e quando possível, materiais de suporte também.*

Guignol- *Na minha atuação em biblioteca escolar eu utilizo muito mais os livros, embora em algumas situações mais pontuais eu já tenha me utilizado de outros recursos tais como fantoches, teatro de sombras, mas sempre apoiada pelo livro.*

Polichinelle- *Livros, fantoches, instrumentos de percussão e objetos.*

Punch- *Normalmente causa, uma reação de encantamento e surpresa ao ver o fantoche ou outro recurso que está sendo utilizado no momento.*

Casperl- *Gosto de contar histórias com objetos e é o recurso que mais utilizo. Fomentar a imaginação das crianças através de personagens não convencionais é a intenção. Já utilizei bonecos e fantoches nas contações, todos feitos por mim - mas não é o costume.*

Woltje- *Dou sempre preferência ao livro, os fantoches ou bonecos são sempre um recurso a mais para a contação de histórias, mas não é sempre que uso. Uso bastante a expressão facial e corporal, bem como a entonação da voz. Ainda utilizo recursos como: varal, painéis, álbum seriado, dramatização com a participação das crianças, entre outros.*

Karagueuz- *Durante a contação de histórias, costumo contar a história decorada sem a utilização de recursos e apresentando o livro ao final da contação; porém quando conto histórias acumulativas, costumo utilizar um avental de flanela, no qual vou apresentando as personagens, as quais são representadas conforme as ilustrações da obra.*

Wayang- *Utilizo livros, fantoches e bonecos*

Cristovan- *Eu conto histórias, privilegiando a interação com o público. É muito importante para mim ouvir as crianças, o que elas dizem. Porque nas histórias que eu faço, o público é coautor do espetáculo, então pode falar pode contar memórias, pode trazer perguntas, impressões sobre o que eu tô fazendo. Tudo isso entra na história então eu privilegio a relação com o público, eu não uso fantoches, eu uso objetos*

cotidianos usados de forma ressignificativa, no sentido de perguntar para criança o que mais que esse objeto parece, o que que ele te faz lembrar, o que que ele traz, as suas próprias referências. Os objetos para mim são uma maneira de trazer o repertório do público na hora do espetáculo, porque um objeto carrega muitas perguntas e a partir dessas perguntas a gente vai fazendo a interação.

Conforme as respostas analisadas, percebe-se que o livro está presente na maioria das vezes. O material de apoio como os fantoches, os recursos e objetos variados estão presentes nas atuações dos sujeitos. Punch relata que o uso destes materiais, normalmente causam reação de encantamento e surpresa nos ouvintes. Souza e Bernardino (2011, p.244) afirmam que:

[...] fantoches ou dedoches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos.

O uso de recursos na contação de histórias, não importa quantos ou quais, pois percebemos que alguns sujeitos usam mais de um, com certeza eles despertam a imaginação e o encantamento das crianças. Para Busatto (2003) o uso de objetos durante a contação de histórias se torna um recurso estimulante e age como exercício imaginativo, onde cada ouvinte pode interpretar a história à sua maneira.

Questão 2 - Ao selecionar as histórias a serem contadas, como você escolhe e identifica os fantoches?

Maccus- *Acabo escolhendo pensando na faixa etária dos participantes*

Guignol- *As histórias selecionadas podem ser sugeridas pelos professores ou que tenham a temática de acordo com o que está sendo visto em sala de aula, ou até mesmo apenas pela história ser prazerosa.*

Polichinelle- *Utilizo os fantoches apenas em algumas histórias. Quando isso acontece escolho pela identificação com as personagens da história.*

Punch- *Eu procuro me identificar com a história e verifico a turma que vou atender, eu observo os alunos para ver se a metodologia que eu vou utilizar para realizar a contação. Normalmente utilizo Metodologias ativas.*

Casperl- *Após selecionar a história eu avalio e busco objetos que tenham algum ponto em comum com cada personagem. Se forem criados fantoches ou bonecos - me inspiro na ilustração do livro e reproduzo da forma mais fiel possível.*

Woltje- *Escolho normalmente os personagens principais para criar os fantoches, sempre usando o livro e a mim mesma para interagir com os fantoches.*

Karagueuz- *Não conto histórias com o recurso do fantoche, pois acredito que exige muito treino e preparo, bem como a confecção dos fantoches. Eu me sinto mais à vontade contando a história sem recursos.*

Wayang- *Escolho de acordo com o tema ou personagens da história que será contada.*

Cristovan- *Então, como eu disse, eu uso objetos, mas eles não são usados como fantoches, eu não animo os objetos no sentido de eles fazerem voz e deles serem os personagens, né, os objetos da história não falam com a criança. Quem fala, no caso, sou eu como narradora. Então é uma linguagem que não dá para compreender como se fosse fantoche. Eu tenho uma série de objetos, que eu levo para todas as histórias, eu faço no meu roteiro uma visão Geral de como eu vou usar esses objetos, mas vou escolhendo com as crianças na hora do espetáculo.*

Através das respostas, é possível perceber entre os sujeitos a preocupação com a escolha dos contos e dos materiais a serem usados, para que estes estejam adequados à faixa etária dos ouvintes. De acordo com Abramovich (2009), ao contarmos uma história para as crianças, temos que saber muito bem como se faz. Não se pode contar uma história de qualquer maneira, sem ter um prévio conhecimento da mesma, para não causar nenhum desconforto em quem está contando a história e também a quem está ouvindo.

Verifica-se também uma atenção com a finalidade do conto, que pode ser educativa ou apenas para entretenimento. Na resposta de Guignol ele relata que aceita sugestões dos professores e que estas podem ser direcionadas à temática que estão trabalhando em sala de aula no momento ou simplesmente para diversão das crianças. Tatar (2004, p.12) ao se referir aos contos de fadas, afirma que "Esse tipo de leitura pode assumir muitas feições diferentes: séria, brincalhona, meditativa, didática, empática ou intelectual".

Outros fatores importantes que são levados em consideração: a idade dos ouvintes, a finalidade do conto, o local, os tipos de recursos, tudo deve ser analisado.

Casperl comenta que após selecionar a história, avalia e busca objetos e fantoches que mais se aproximem com os personagens da história para que o momento tão especial seja perfeito. O momento de ouvir histórias é uma atividade que muitas vezes, é a mais esperada pelas crianças e para que o momento tão especial seja perfeito tudo deve ser avaliado.

Questão 3 - Você conta histórias utilizando fantoches para crianças? E para adultos?

Maccus- *Para crianças mais frequentemente, para os adultos quando o projeto envolve o personagem.*

Guignol- *Já contei histórias para as crianças com os fantoches, para adultos ainda não tive esta experiência.*

Polichinelle- *Sim. Para adultos conto algumas histórias que são as mesmas para crianças. Neste caso, também utilizo os fantoches.*

Punch- *Nesta minha trajetória, contei histórias poucas vezes com fantoches.*

Casperl- *Não costumo utilizar fantoches em minhas contações, que em sua maioria são voltadas ao público infantil. Mas já realizei contações para adultos - mas sem fantoches.*

Woltje- *Meu público normalmente são crianças, mas já fiz contação de histórias para adultos. Mas só uso fantoches de vez em quando.*

Karagueuz- *Não utilizo fantoches nas minhas contações de histórias.*

Wayang- *Utilizo para crianças e para adultos.*

Cristovan- *Quando eu conto histórias para adultos, eu uso dos objetos da mesma maneira, eu tendo que usar um pouco menos quantidade de objetos, mas uso da mesma maneira que eu uso com as crianças.*

De acordo com as respostas, percebe-se que a maioria dos sujeitos já fizeram ou ainda fazem uso de fantoches na contação de histórias para crianças. Na resposta de Polichinelle, ele relata que as histórias que conta são as mesmas tanto para crianças ou adultos, e que os fantoches utilizados também são os mesmos. O uso de fantoches como recurso favorece o desenvolvimento cognitivo e emocional, assim como em sala de aula pode servir como excelente recurso didático. Para Ladeira e Caldas (1989) o uso de fantoches também favorece para a criança prestar mais atenção aos sons e ao que os outros estão falando.

Questão 4 - Como você foi estimulado a mediar histórias utilizando fantoches?

Maccus- *Nas aulas da disciplina de Biblioteca Escolar, a Professora Eliane Moro nos encorajava a usar.*

Guignol- *No meu caso o estímulo vem do próprio interesse do estudante em ouvir aquela história com este recurso.*

Polichinelle- *Não tive um estímulo. Comecei usar quando ministrava cursos de teatro para crianças em 1988, aproximadamente.*

Punch- *Era aniversário da Cidade de Porto Alegre. Quando uma Professora me emprestou uns fantoches para contar história com os 5º anos. Para dar mais ludicidade, na contação. A experiência não foi das melhores por que era 5º ano, eles não estão mais nesta fase. Então fiquei com trauma e parei de utilizar, por um tempo (risos).*

Casperl- *Conhecendo o trabalho de outros contadores.*

Woltje- *Na formação pelo IFRS e em cursos de contação de histórias.*

Karagueuz- *Conforme já mencionei, não utilizo fantoches; mas acredito que para contar com fantoches é preciso um estudo de como utilizar esse recurso, para que o contador não se perca nas “entradas” das personagens durante a contação.*

Wayang- *Passei boa parte da minha infância no circo, e ouvia as histórias dos palhaços e alguns utilizavam bonecos nas suas apresentações.*

Cristovan- *Sim, fui estimulada a usar fantoches nos meus espetáculos, nas minhas contações de histórias, porque eu tenho grandes inspirações como a companhia truks de teatro que usa fantoches. Não é bem fantoche, é uma companhia de teatro de bonecos. E quando eu era pequena eu assistia muito as histórias do Wilian Grug, ai meu Deus, não é esse o nome dele, do teatro vento forte e também da tv cultura, que eram, no caso do vento forte, eram inspirados nos bonecos de carnaval de Olinda. Enormes, eram uns bonecos que o ser humano vestia e se transformava nos bonecos. Essa vertente vem muito da cultura popular, isso e a companhia truks foram grandes inspirações, né, e a companhia truks no sentido de animar objetos cotidianos mais, é, não como fantoche, mais sim foi uma inspiração e os fantoches, o teatro de bonecos, estavam muito presentes na minha infância.*

Percebe-se que a maioria dos sujeitos foi estimulado a usar fantoches como recurso na contação de histórias e que receberam estímulos de formas bem variadas.

Casperl foi influenciado a usar fantoches, depois de ver outros contadores de história utilizando. Já para Maccus, a influência veio através da professora Eliane Moro, em uma das disciplinas do curso de Biblioteconomia. Para Woltje, a influência chegou através do curso técnico de Biblioteconomia no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) e também nos cursos de contação de história dos quais participou.

Também é possível perceber que mesmo os sujeitos que não utilizam fantoches em suas contações de história, consideram válido o uso deste material de apoio. Na visão de Ladeira e Caldas (1989, p.13) "Os fantoches são um permanente convite à imaginação criadora, a incursões no reino do faz de conta". A criança que em algum momento e de alguma maneira teve contato com fantoches, certamente levará esta experiência para sempre em sua vida.

Questão 5 - Qual a sua opinião do uso de recursos de fantoches para contação de histórias?

Maccus- *Acho uma excelente alternativa para a mediação e encantamento da leitura.*

Guignol- *Penso que as crianças menores aproveitam mais, pois ainda estão numa fase mais lúdica. Conforme eles crescem perdem o interesse nesse recurso.*

Polichinelle- *Acredito que os recursos para contar histórias contribuem para estimular a imaginação das pessoas.*

Punch- *O recurso de fantoches é uma metodologia maravilhosa para alunos da fase pré-escola, acredito que muitas mensagens podem ser transmitidas através deste recurso.*

Casperl- *Acredito que todo tipo de contação é relevante. Cada profissional escolhe a forma como melhor se adapta e se diverte (o que é muito importante para o sucesso da contação). A utilização de recursos enriquece o momento.*

Woltje- *Gosto de utilizar fantoches (bonecos, de feltro, dedoches, com palitos, sucatas...) e interagir com eles, mas procuro diversificar os recursos para contação de histórias. Utilizei o recurso dos fantoches nos vídeos gravados quando as aulas não eram presenciais.*

Karagueuz- *Entendo que é um recurso muito frequente e utilizado por vários contadores de histórias; porém, como já mencionei, não me sinto à vontade para contar histórias com fantoches; mas as histórias que eu já assisti com esse recurso foram bem animadas, fazendo as crianças interagirem muito com os bonecos.*

Wayang- *Para as crianças a utilização dos recursos como fantoches, dedoches e bonecos na contação de histórias é muito importante, pois desenvolve a imaginação, trazendo-as para dentro da história o que as torna mais empáticas. Os fantoches também auxiliam na construção da sua identidade sendo que, muitas se identificam com os personagens.*

Cristovan- *Eu acho que os fantoches da contação de histórias são uma linguagem válida, é, não é exatamente a minha pesquisa, mas eu acho uma linguagem válida. O objeto assim como eu uso, ou fantoche, ele deve privilegiar no meu modo de ver a relação com o público. A contação de histórias diferente do teatro, tem na relação com o público seu diferencial, então é muito importante que... que os recursos usados aproximem o narrador do público e o sentido de revelar para o público quem é aquele narrador o que que ele gosta, porque que ele escolheu aquela história, o que que a história traz, criar imagens, todos os objetos e recursos que ajudaram nesse sentido são muito bem-vindos. Eu tenho um pouco de crítica ou um pouco de receio, de quando o objeto esconde o narrador sabe, de quando o narrador pretende, é, que o público não perceba que ele está ali e fale só com o boneco. Acho isso complicado, acho que isso pode inclusive atrapalhar, mas isso é um mau uso dos fantoches.*

É possível observar na resposta de Maccus, que os fantoches são excelente alternativa de material de apoio. Polichinelle acredita que os recursos utilizados durante a contação de história favorecem muito para que a imaginação seja estimulada. Cristovan não os utiliza, mas concorda que o fantoche é um material de apoio válido, desde que o contador não se esconda, para ele o contador de história tem que aparecer, o público tem que saber que ele está ali e não somente o fantoche.

Os fantoches, conseguem encantar e fazer a imaginação fluir, eles também facilitam a aproximação com quem está contando a história e faz com que o público queira interagir com os fantoches. Para Majaron (2012), é uma forma simbólica de transmitir mensagens em formas diferentes, por meio do visual, dos movimentos e do som, o que também é benéfico para os pequenos que ainda não compreendem a linguagem verbal.

Questão 6 - Você gostava de ouvir histórias com fantoches na sua infância?

Quem contava histórias? Descreva emoções e reações que você lembra

Maccus- *Eu gostava muito de ver um programa na televisão, na rede Cultura em que as histórias eram contadas com os personagens representados por carretéis de linhas, por pincéis, novelas de lã. Eu amava!*

Guignol- *Na minha época de infância eu assistia a um programa chamado Vila Sésamo, onde tinha uma mistura de bonecos com fantoches com pessoas. Me lembro que era extremamente divertido e tenho lembranças muito boas e afetuosas desse período.*

Polichinelle- *Não lembro. As histórias da minha infância eram contadas pela minha mãe e relatavam as memórias da família.*

Punch- *Sim adorava era divertido, e quem contava era a minha Irmã que era Professora da igreja, Escola Bíblica dominical. Às vezes eu ficava feliz, dependia muito de qual história estava sendo contada.*

Casperl- *Conheci a contação de histórias através do programa Rá Tim Bum em que havia o quadro “Senta que lá vem história”. Os únicos momentos de contação que tive na infância. Algumas vezes eles utilizavam fantoches e em outras objetos - foi aí que os objetos me conquistaram. Boas lembranças.*

Woltje- *Gostava, mas foram poucas as ocasiões. A maioria das histórias que ouvia quando criança eram contadas por familiares quase sem recurso algum, algumas vezes com livros, eram quase que exclusivamente orais. Era sempre muito divertido e foi um estímulo para que hoje eu exerça essa prática.*

Karagueuz- *Não lembro de ter escutado histórias com fantoches na infância; mas lembro de ter assistido já na adolescência, quando cursava o Magistério, um teatro de fantoches. Foi um momento muito interessante, porque achei perfeitos todos os movimentos, demonstrando que os atores/contadores tiveram muito treino para o manuseio dos bonecos.*

Wayang- *Sim, muito. Dependendo da história que eu ouvia as emoções eram diversas tais como: alegria, euforia, medo, raiva, tristeza etc...*

Cristovan- *Então, na minha infância eu ouvia sim histórias com bonecos, quando eu ia ao teatro quando eu ia nesse vento forte, era muito emocionante porque como eu disse, eram bonecos grandes, isso era muito maravilhoso assim. Depois já entrando no final da adolescência eu comecei aí na companhia truques de teatro que eu já tinha ido na infância. Então eu assisti espetáculo da bruxinha, da Eva Furnari feita por eles,*

e outros espetáculos. Lembro dos bonecos que eles faziam com neon, com tinta neon escuro que eram maravilhosos, e animação deles da companhia truques de Teatro de Bonecos para mim, é a coisa mais bonita e poética que existe. Até hoje me emocionam muito, assim, e era sem fala, só bonecos era muito impressionante.

Como pode ser observado nas respostas dos sujeitos, todos gostavam muito de ouvir histórias na infância. Aqueles que tiveram os fantoches ou objetos como recurso durante a contação, revelaram ser marcantes em suas vidas. As reações e emoções são variadas. Para Abramovich (2009, p.17) "É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais [...]".

É importante salientar que essas emoções influenciaram alguns dos sujeitos a fazerem uso destes recursos em suas contações de histórias. Segundo Scheel (2012), os fantoches são de grande importância para o desenvolvimento das crianças durante a primeira infância, e quando adultos, ao se depararem com um fantoche, a sua memória emocional será ativada.

Questão 7 - Você poderia contar um pouco sobre a sua experiência com a contação de histórias utilizando fantoches?

Maccus- *Eu tive muitas experiências deliciosas. Na escola [...], no centro de Porto Alegre/RS, os alunos escolheram por mascote um morcego e ainda o nome dele "feijão". Amavam tanto que fui chamada pela diretora para contar que morcego era aquele que falavam tanto! Em uma ação numa Ong [...] fiz uma atividade com as crianças utilizando um baú cheio de fantoches, que eram tirados ao acaso e viravam a continuação da história inventada por eles. No final transcrevemos a história e ficou muito boa! Eles adoraram e participaram muito!*

Guignol- *Contar com fantoches é sempre muito divertido, pois podemos explorar a voz, o tom da história, dar ênfase aos momentos, as pausas. Normalmente escolho histórias mais engraçadas para usar com os fantoches, onde eu posso brincar mais com as situações.*

Polichinelle- *Comecei minha carreira profissional em meados de 1996. Os fantoches entraram na minha rotina naturalmente. Entre uma atividade de teatro, a leitura de um*

livro e uma contação de histórias, às vezes, sentia a necessidade de usar um objeto lúdico para estimular a imaginação das crianças.

Punch- *Eu contei uma vez para uma turma de 5º ano. Era minha primeira semana de contratação no Colégio. Eu estava muito feliz e confiante. Porém era 5º ano. Eles não gostaram muito começaram a rir do fantoche. Ficaram dando risada. Não foi muito boa a experiência. Mas, do ponto de vista positivo pelo menos eles deram bastante risada.*

Casperl- *Não tenho muita experiência contando com fantoches...no início da minha trajetória como contadora eu utilizava mais. Sempre foi uma boa experiência, as crianças gostam muito desse recurso. Mas sempre já vinha com a história pronta...não improviso e interajo com o público no meio da história (antes e depois sim). Quando eu trabalhei na Biblioteca [...], em que realizava contações semanais para turmas de escolas públicas - utilizava bastante esse recurso.*

Woltje- *Contar histórias para mim é mágico, quando começo sou transportada para um mundo onde sou a Scherazade ou um Griot encantando meus ouvintes. Pode ser feito em forma de oralidade, usando o livro, usando recursos como fantoches, enfim, que a magia acontece. Quando uso fantoches tenho um parceiro para contar a história e o público curte muito, querendo interagir com ele e depois querendo brincar com ele também. Mas tomo cuidado para não ocupar demais as mãos e ficar sem interagir também com meus ouvintes. As fantoches e bonecos são recursos valiosos e podem auxiliar na contação de histórias. E produzi-los com suas próprias mãos tem o seu valor.*

Karagueuz- *Como eu já mencionei, eu não tenho experiência com fantoches, somente com o recurso do avental de flanela, em que os personagens são apresentados conforme aparecem na história.*

Wayang- *Os ouvintes gostam muito quando levo fantoches, dedoches e bonecos como recursos para contar histórias. Em todas as Instituições do estado do Rio Grande do Sul pelas quais já passei só tive ótimas experiências, tanto com as crianças como com as pessoas adultas de todas as idades. Na maioria das vezes querem tocar nos fantoches.*

Cristovan- *Então, eu não uso fantoches na contação de história e nunca usei nenhuma vez. Desde o começo da minha atuação eu sempre usei os objetos de forma animada, mas não como fantoches.*

As respostas nos mostram que, quase todos os sujeitos que utilizam fantoches em sua contação de história relatam que suas experiências foram muito boas. As experiências de Maccus foram deliciosas. Para Guignol foram divertidas e sempre escolhe histórias engraçadas pra poder interagir mais com os fantoches. Polichinelle diz ter sentido necessidade de utilizar um objeto lúdico durante suas contações de história, para estimular a imaginação das crianças.

Apenas Punch relatou que sua experiência com fantoches não foi agradável, e sua justificativa foi que, talvez, pela idade dos ouvintes e o fantoche não se adequavam. Na visão de Majaron (2012) os fantoches não são apenas para crianças pequenas, mas para todas as idades. Os fatores que levam uma criança a gostar ou não de fantoches são muitos, entre eles, pode depender do contexto em que a criança se desenvolveu, se teve incentivo no lar e/ou escola para manusear um fantoche ou mesmo só assistir o teatro de fantoches.

Questão 8 - Além de contar histórias você também confecciona os fantoches?

Como acontece esse processo?

Maccus- *Não confecciono: uso os bichos de pelúcia ou adquiro com um artesão do Brique da Redenção (POA/RS)*

Guignol- *Eu nunca confeccionei os fantoches, mas estou com um projeto de assim que pudermos manusear objetos e estar de forma presencial com as crianças, de fazer uma oficina de fantoches de meias e depois utilizar para fazer a contação.*

Polichinelle- *Não confecciono.*

Punch- *Não produzo este recurso.*

Casperl- *Gosto de confeccionar todo o material utilizado nas contações. Analiso os personagens e cenário (se necessário), seleciono o material a ser utilizado, e decido a técnica de confecção do material - tento sempre ser fiel ao desenho do ilustrador. Vou mentalizando a história enquanto preparo o material.*

Woltje- *Sim confecciono, muitos dos fantoches, aqui onde atuo, foram confeccionados por mim ou encontrados no ambiente de trabalho. Utilizo para a confecção: meias velhas ou sem par, feltro, papel e palito, sucatas, luvas para dedoche, e outros materiais.*

Karagueuz- *Não conto histórias com fantoches, principalmente, porque também acredito que seja necessário ter esse talento para a confecção dos bonecos.*

Wayang- *Sim. Geralmente com materiais recicláveis, pois assim contribuo com o meio ambiente além de conscientizar meus ouvintes. Faço a seleção dos materiais que tenho em casa, tais como, restos de tecidos e materiais que iriam para o lixo e transformo-os em recursos para contar histórias.*

Cristovan- *É, eu mesma seleciono os objetos, pesquiso esses objetos e exploro antes de levar para a cena. Quais as várias possibilidades cênicas e simbólicas e como é que eu posso usá-los na relação com a plateia, né, mas é sempre como eu disse, a plateia olha o objeto me diz com que ele se parece e a gente vai construindo ideias em cima do objeto. Então não é realmente o fantoche.*

Apesar da maioria dos sujeitos não confeccionar os fantoches, percebe-se que entre os que os confeccionam, também usam materiais que provavelmente iriam para o lixo. Woltje utiliza meias, papel, palitos, feltro e sucatas. Wayang utiliza retalhos de tecido juntamente com outros materiais que iriam para o lixo. Ladeira e Caldas (1989, p.280) afirmam que:

Não é necessário que se use material caro ou sofisticado para confeccionar bonecos; cartolina e vara, objetos comuns ou mesmo sucata oferecem possibilidade ilimitadas. A capacidade de imaginação da criança supre a pobreza do material. Papel, copo, guardanapo, ou prato de papel cartão, um cone de linha vazio, uma embalagem, um saco de supermercado, com imaginação e paciência, tornam-se bonecos.

Portanto, basta imaginação e boa vontade para que materiais considerados lixo ou inúteis, virem obras de arte nas mãos dos pequenos, dos educadores, contadores de história e dos mediadores de leitura. Este tipo de atividade também instiga a imaginação para que histórias sejam criadas, com base nos bonecos que estão sendo construídos e vice-versa.

Questão 9 - Como você percebe a reação de crianças e de adultos com a utilização dos fantoches?

Maccus- *Acredito que haja muito encantamento e um maior interesse pela possibilidade de ludicidade.*

Guignol- *Os adultos até gostam, mas sem dúvida a criança se encanta muito mais.*

Polichinelle- *Os fantoches fazem parte do universo infantil. As crianças interagem com o fantoche acreditando que ele é o personagem da história. O real e o imaginário se fundem neste momento.*

Punch- *É muito importante, quando for realizar a contação olhar nos olhos as emoções do seu público por que o olhar transmite muitas emoções. Além do recurso de fantoche a entonação da voz. Essas duas formas auxiliam na percepção das emoções do seu público.*

Casperl- *As crianças geralmente amam ouvir histórias independente do recurso utilizado. Nunca tive uma reação negativa em todos esses anos de mediadora de leitura. Os fantoches são recursos que enriquecem essa experiência e fazem com que eles prestem ainda mais atenção.*

Woltje- *Percebo que ficam encantados.*

Karagueuz- *Posso colocar a minha opinião como espectadora, já que meus alunos já assistiram várias apresentações com fantoches; posso dizer que sempre foi um momento mágico para eles, de encanto e admiração pela técnica da apresentação.*

Wayang- *As crianças adoram interagir com os fantoches, tanto que até esquecem de que tem alguém que os manipula.*

Cristovan- *Eu já vi crianças pequenas de zero a 3-4 anos muito encantadas com fantoches, assim, conversando com esses fantoches muito encantadas. A criança bem pequenininha não distingue muito bem a realidade da fantasia, para ela é um fluxo só, é uma investigação só, então é muito impactante para eles. Talvez até fazendo uma reflexão aqui, o meu não uso de fantoches não aconteça pelo fato de que as crianças que interagem comigo falando e mais ativamente, são as crianças de quatro para cima. Os bebês, os pequeninhos assistem as histórias e interagem, mas menos do que os de 4 para mais. Então acho que a escolha por não usar objetos, como fantoches vem um pouco dentro dessa outra maneira de pensar que não é da primeiríssima infância, mas essa fase onde a criança já começa a fazer suas perguntas e começa a fazer separação entre a fantasia e a realidade, né, já começa tecer isso e vai aprofundando esse jeito de ver o mundo.*

Constatou-se que, os sujeitos percebem a importância de utilizar os fantoches como material de apoio durante a contação de história. Para Maccus o encantamento é maior. Casperl acredita que este tipo de recurso enriquece a história contada e faz com que o público preste mais atenção. Polichinelle comenta que percebe que em

alguns momentos as crianças esquecem que os fantoches não tem vida própria e que estão sendo manipulados por alguém, que a imaginação e o real se fundem.

Mesmo os sujeitos que não utilizam fantoches durante a contação de história, relatam suas experiências como expectadores. Karagueuz diz que o momento é mágico, de encantamento e admiração. Cristóvan percebe o encantamento das crianças e que elas conversam com os fantoches. Na visão de Majaron (2011), muitas vezes as crianças têm um contato melhor com os fantoches do que com os pais ou educadores pois estes a ajudam a sentir, aceitar e entender situações.

Questão 10 - Como eles se expressam durante e ao final das histórias?

Maccus- *Sempre com vontade de tocar e mexer com o personagem. Se tornam protagonistas de outras histórias usando o material.*

Guignol- *Eles querem pegar os fantoches e entender como fizemos para contar e manusear ao mesmo tempo.*

Polichinelle- *Com ou sem fantoches, as crianças reagem sempre positivamente, demonstram afeto e curiosidade. Elas querem tocar no fantoche, conversar com eles.*

Punch- *Normalmente os aplausos. E pedem para contar de novo.*

Casperl- *Crianças se expressam o tempo todo, gostam de comentar no início, meio e fim. Se acham que o fantoche é bonito vão dizer, se acham que não ficou parecido com o livro vão dizer, se gostaram da história ou não, também vão dizer. Isso é o mais encantador, crianças são sempre sinceras e vão expressar o que estão sentindo no momento. Tenho preferência por contar histórias engraçadas e que sempre rendem bons comentários no final.*

Woltje- *Durante a história querem tocar ou interagir com os fantoches, e ao final querem utiliza-los.*

Karagueuz- *Como espectadora posso dizer que meus alunos sempre se mostravam muito ansiosos para o início das histórias e ao final queriam mexer ou conhecer os bonecos.*

Wayang- *No início geralmente alguns estão agitados, outros tímidos. Conforme o desenvolvimento da atividade de contação de histórias ficam encantados pedem para contar a história novamente, isso depende muito da faixa etária.*

Cristovan- *Né, é difícil responder essa pergunta dez, já vou pra onze.*

Através das respostas é possível constatar que as crianças ao final da contação da história sentem vontade de tocar os fantoches e até mesmo usá-los durante uma outra contação de história. Ficam curiosas em como os fantoches foram feitos, querem conversar com eles, como se os fantoches tivessem vida própria. Comentam se acham bonitos ou feios, querem interagir, querem que contem novamente a história ou outras diferentes e aplaudem. Baseado nestes relatos pode-se perceber que as reações e emoções que o público consegue sentir são as mais variadas.

Karagueuz, que não utiliza o fantoche como recurso, explica que quando em condição de expectador, nas histórias que utilizam fantoches como recurso, percebe que as crianças sempre ficam ansiosas para o início da contação de história e que no final querem conhecer e tocar nos fantoches.

Questão 11- Que tipo de relatos você escuta das crianças e dos adultos logo após o término da contação de história? Poderia relatar dois que mais te impressionaram?

Maccus- *Não tenho um em especial, mas sempre ouço maravilhas após as interações. Alguns falam das suas experiências e os menores vem contar que tem algum bicho de pelúcia parecido, ou no caso do morcego as crianças adoravam colocar a mão na boca para ele “morder”.*

Guignol- *Os relatos sempre são muito positivos, mesmo porque como eu já tenho um vínculo com eles a resposta é sempre muito boa. Nesses 5 anos de atuação já ouvi várias coisas interessantes, como por exemplo, que eu ajudei a tomar gosto pela leitura, que por causa das contações o olhar sobre os livros mudou, que quando eu conto uma história a minha voz faz com que a pessoa “viaje” (esse é o que eu mais gosto). Também teve um estudante que me disse que a minha voz era “temática”. Enfim, a contação de histórias é algo tão prazeroso e poderoso que eu gostaria que todos os que trabalham com educação se dessem conta desse recurso, independente da maneira como contamos a história.*

Polichinelle- *1- Amei a história que você contou. 2- Conta mais histórias.*

Punch- *Gostei muito da sua história. Conta de novo. Ou se é uma história cantada eles se despedem cantando a música. (Risos).*

Casperl- *Já escutei tanta coisa ao longo da minha trajetória como contadora. Além das expressões faciais que eu já vi ao longo desse tempo e que sempre me marcam, uma vez uma menina achou o velho da história que eu estava contando muito careca*

(era uma colher de sopa). Em outro momento eu dizia que o personagem não tinha medo de nada! E surgiu uma voz baixinha no fundo dizendo: ”- Da mãe dele ele devia sentir!”. Segurei o riso e segui a história. Os relatos são diversos...alguns se identificam tanto que trazem suas histórias para compartilhar com os demais.

Woltje- Geralmente perguntam se foi eu quem fez e como foi feito. Demonstram apreciar este recurso.

Karagueuz- O meu relato, novamente, será como espectadora. Meus alunos sempre queriam saber quem estava movimentando os fantoches, quem tinha feito, ou seja, eles queriam entender como era organizada a apresentação. E, claro, queriam mexer e ver como eram os fantoches. E também demonstravam muita admiração com os contadores/atores que manuseavam os fantoches. É preciso talento para a realização de contação de histórias com fantoches.

Wayang- Alguns se identificam muito com a história e fazem relatos de alguma situação que já vivenciaram. Para outros as histórias mexem muito com as emoções e despertam sentimentos que estavam adormecidos. Certa vez em uma escola uma aluna me disse: - Profe (é assim que os ouvintes costumam nos chamar) enquanto tu estava contando a história senti o cheirinho do bolo da minha vó. Em uma outra vez recebi uma mensagem de um ouvinte que há muito tempo não falava com seu irmão: - Obrigada pela história, pois, depois que ouvi a história meu coração se encheu de paz e liguei para meu irmão e falamos durante uns trinta minutos mais ou menos e já marcamos uma visita.

Cristovan- Então, nos espetáculos que eu faço, a minha experiência é que as crianças costumam ficar muito vinculadas, tanto a história quanto a mim. Porque como elas podem contar as coisas delas, participar, mexer, alterar a história, elas se sentem parte daquilo. A gente tece redes de pertencimento entre as mães, os pais, os irmãos, as crianças pequenas, as maiores. E coletivamente essa sensação de pertencimento eu acho que faz com que elas voltem. Quanto a individualmente, é, a criança ao falar e ao ser ouvida se sente muito validada e o fato de que ela importa, o que ela coloca na história vale, importa e altera o espetáculo é muito, como é que eu vou dizer, faz com que nossa relação se torne muito próxima. É a criança, a sensação que eu tenho é que ela passa por uma experiência de validação de quem ela é e do que ela vive, da maneira como ela vê as coisas, né. Então é muito intensa a relação depois. Eu tenho bons amigos que começaram assistir quando eram crianças e são adolescentes, adultos e levam os filhos depois eu já conto a 23 anos né, por quase

24, então já tem uma relação no tempo com essas crianças, essas famílias e é muito vinculador. O relato que eu tenho essas crianças quando elas crescem é, nossa, você me ensinou uma maneira de olhar para o mundo, né, uma maneira de encarar o mundo de me colocar. Então é muito, é, muito forte, muito bonito a possibilidade de ouvir as crianças durante a narração. Para mim faz muito sentido e por isso que talvez o objeto que ressignificado na linguagem que eu escolho pesquisar tenha mais sentido do que o próprio fantoche.

Percebe-se através dos relatos dos sujeitos, que o contato do público com quem está contando a história e com os materiais de apoio que estão sendo utilizados, fazem parte de uma mistura maravilhosa que é a contação de história com uso de fantoches. A troca de afetividade, as expressões faciais, o querer saber como tudo foi construído, quem está por traz do fantoche, os comentários variados, toda essa diversidade de sentimentos favorece o psicológico do contador de história e do público.

Através do relato de Guignol observa-se que um dos ouvintes comentou que o ouvir histórias o fez "tomar gosto pela leitura", um segundo ouvinte comentou que "por causa das contações o olhar sobre os livros mudou". Segundo Abramovich (2009, p.16)

Ah como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Portanto, com base nos relatos, é possível concluir que a interação do contador de histórias ou do mediador de leitura com o público é uma experiência prazerosa e gratificante, tanto para quem conta como para quem ouve. Na visão de Champlim e Renfro (1985, p.3) "Quando o mundo visual do teatro de fantoches se une ao domínio auditivo do contador de histórias, uma parceria única se desenvolve". Para as autoras contar histórias e manipular os fantoches, são duas artes que ao se unirem, o resultado é alegria e excitação que somente esta fusão poderia produzir.

11 RESULTADOS DO ESTUDO

Nesta seção constam os objetivos específicos e seus respectivos resultados. Os mesmos fazem parte das etapas deste estudo, na busca de atingir o objetivo geral que é: analisar as reações e emoções que os fantoches usados na mediação de leitura suscitam em crianças a partir da percepção dos mediadores de leitura que contribuíram para que este estudo se realizasse.

Portanto, como primeiro objetivo específico foi *levantar literatura que sirva de embasamento nos temas abordados neste trabalho*. Para atingir este objetivo, de início realizou-se uma busca na internet com os termos relacionados ao estudo, no intuito de averiguar o que já havia sobre o tema. Vários trabalhos acadêmicos foram encontrados, mas nenhum especificamente sobre as reações e emoções, em sua maioria tratavam do uso dos fantoches na educação. Alguns *blogs* que abordam o tema de fantoches na educação, continham informações que neste estudo eram considerados relevantes, mas infelizmente não constavam referências e, portanto, foram descartados do estudo.

Na busca de livros sobre os fantoches e seu surgimento, um fato relevante de se destacar é que no Brasil pouco se fala do assunto, mas em outros países percebe-se o quanto este tema é considerado importante. A variedade de literatura que envolve o surgimento e o uso dos fantoches é imensa e linda. Infelizmente não foi possível encontrar *online* todo material, considerado pertinente neste estudo. Analisando o todo que foi possível ter acesso e com relevância para a pesquisa considera-se que este objetivo foi alcançado.

O segundo objetivo específico este estudo visou *reunir relatos dos mediadores de leitura e contadores de histórias que utilizam os fantoches em suas atividades*. Para atingir este objetivo primeiramente obteve-se indicações de sujeitos mediadores de leitura e contadores de histórias, que utilizassem fantoches como recurso durante a contação de história. Foram nove os participantes da pesquisa que foram contatados por meio de *e-mail* e do aplicativo WhatsApp. Felizmente, todos prontamente aceitaram em participar, tornando possível a realização do estudo, assim como, alcançar este segundo objetivo.

E finalmente, o estudo teve por terceiro objetivo específico: *descrever e tecer considerações sobre as reações e as emoções que os fantoches suscitam em crianças que ouvem histórias com este recurso.*

Com base em tudo que foi dito pelos sujeitos participantes, pode-se constatar que as emoções e as reações são muitas, entre elas alegria, medo e curiosidade. Também é possível observar nas falas dos sujeitos que o uso de fantoches seja para educar ou divertir, propiciam momentos de encantamento às crianças. Eles instigam a curiosidade dos pequenos, fazendo com que queiram interagir com os fantoches. Este recurso enriquece em muito a experiência da criança. Desta forma, considera-se que o terceiro objetivo foi alcançado.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção pode ser considerada como a hora da verdade, se o esforço em busca de responder o problema valeu a pena ou não. Este estudo teve como problema inicial: quais reações e emoções os fantoches usados na mediação da leitura suscitam nas crianças?. Os fantoches tem o poder de encantar, distrair, instigar a curiosidade, acalmar e ensinar. Vale salientar quando em um dos relatos se lê que o importante é olhar no olho da plateia, pois no olhar percebem-se muitas emoções.

A utilização dos fantoches nas mediações de leitura auxilia as crianças a compreenderem melhor ou aceitar certas situações, que pode ir do nascimento de um irmão ou a perda de um ente querido. Estes objetos inanimados, ficam à espera de alguém que lhes dê vida para cumprirem seus vários papéis. No aconchego do lar e com pessoas que são importantes na vida da criança, ouvir uma história ilustrada por um fantoche torna o momento muito especial, não importando a idade. Na fala de um dos sujeitos observa-se o cuidado com a faixa etária e para outro o cuidado para que os fantoches estejam adequados, ou o mais próximo possível em aparência, com o personagem do livro.

O contato da criança na infância, com os fantoches, pode resultar que quando adulta, esta poderá sentir vontade de usá-los, estimulando para que outras crianças sintam as várias reações e emoções que os fantoches conseguem despertar. Conforme o relato de um dos sujeitos, sua paixão pelos fantoches veio da influência que teve na infância e isso o estimulou o desejo de proporcionar para outros o seu encantamento com os fantoches. Para outro sujeito, este encantamento surgiu na faculdade, com o incentivo da professora Eliane da Silva Moro, em uma de suas disciplinas.

O fantoche usado na sala de aula ou na biblioteca, pode ajudar a criança com sua dificuldade de socialização e de interação com outras pessoas, superando a timidez que muitas vezes surge, quando ela é inserida em um novo contexto, sendo também possível auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem ou simplesmente servir de ludismo, de prazer e de diversão. Na fala de um dos sujeitos, isto fica bem claro quando ele diz que a história contada, pode ser com base no conteúdo que o professor está ensinando ou, simplesmente como uma forma de entretenimento para

as crianças. A mistura dos fantoches com os contos de fadas, nas mãos de bons mediadores de leitura e contadores de histórias só poderia ter um ótimo resultado.

Um fantoche para divertir as crianças não precisa ser um produto de loja, de alto valor, pode simplesmente ser produzido com papéis, palitos, potes, cartolinas, retalhos de tecidos, entre outros, pois a imaginação é o limite. Outro relato que se destaca, é o fato de um dos sujeitos fazer questão de produzir seus fantoches. Os mais diversos materiais podem ser utilizados na confecção dos fantoches. Para outro sujeito, que também produz muitos de seus fantoches, ele relata que utiliza os materiais mais variados, inclusive alguns que são considerados como lixo, em suas mãos se transformam em belos fantoches. Confeccionar fantoches, juntamente com os alunos, favorece para que as crianças se aproximem entre eles e com o próprio professor ou bibliotecário.

Como experiência pessoal esta pesquisa foi de uma satisfação e valor imensos. A oportunidade de conhecer o trabalho dos sujeitos participantes, a disponibilidade dos mesmos para que fosse possível dar continuidade à pesquisa, o estudo em si e até mesmo as frustrações de não encontrar disponível um material considerado relevante para pesquisa, o voltar ao passado e trazer à tona sentimentos da infância que estavam guardados e nunca antes compartilhados, o dormir e acordar pensando nesta pesquisa, a preocupação em dar o meu melhor, os momentos de riso, de choro e de angústia, compartilhados ou a sós, enfim...o universo e o tempo que envolveu do seu início até o final.

Portanto, como considerações finais ou hora da verdade, analisando tudo que foi dito pelos sujeitos participantes, por todo material utilizado corroborando com esta pesquisa, é possível afirmar que as reações e emoções que os fantoches suscitam nas crianças são inúmeras, são válidas e eternas. Finalizo com a parte inicial da fala do Polichinelle ao iniciar suas apresentações.

"Senhores, se pela minha brincadeira eu posso te fazer sorrir por um momento, para mim é uma grande vantagem, eu ficarei feliz".

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5ª. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- AGUIAR, V. T. A Formação do Leitor. Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de Formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 104-116, v.11. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40359/1/01d17t08.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BORTOLIN, S.; BURGHI, V. J. A Interação entre o Bibliotecário e o Leitor-ouvinte na Contação de Histórias. **Informação@Profissões**, v. 3, n.1-2, p. 213-226, 2014. DOI: 10.5433/2317-4390.2014v3n1-2p213
- BUSATTO, C. **Contar & Encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHAMPLIM.C.; RENFRO.N. **Storytelling with Puppets**. Chicago: American Library Association, 1985. Disponível em: <https://archive.org/details/storytellingwith00cham/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 23 set. 2021.
- COELHO, N. N. **O Conto de Fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.
- ESTABEL, L. B.; MORO, E. L. S. A Mediação da Leitura na Família, na Escola e na Biblioteca através das Tecnologias de Informação e de Comunicação e a Inclusão Social das Pessoas com Necessidades Especiais. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 67-81, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1657/1863>. Acesso em: 02 maio/jul. 2021
- FLECK, F. O. O Contador de Histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 216-227, 2007. DOI: 10.5007/1518-2924.2007v12n23p216.
- FRIZON, J. R.; GRAZIOLI, F. T. Mediação de Leitura: possibilidades e experiências. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 6, n. 2, não paginado, maio / ago. 2018. disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/6559>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- GERHARD, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20595>. Acesso em: 20 ago. 2021.

HERNANDEZ, L. **Periodismo Literário**: el arte de contar historias. Barcelona: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2017.

KOROSEC, H. Playng with puppets in class: teaching and learning with pleasure. *in*: **The power of the puppet**. Zagreb: UNIMA, 2012. P. 29-44. Disponível em: <https://www.unima.org>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LADEIRA, I.; CALDAS, S. (org.) **Fantoche & Cia**. São Paulo: Scipione, 1989.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2ª. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MAGNIN, C. **Histoire des marionnettes en Europe**: depuis l'antiquité jusqu'à nos jours. Paris: Paris, 1852. Disponível em: [https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&page=1&query=\(dc.type%20all%20%22monographie%22\)](https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&page=1&query=(dc.type%20all%20%22monographie%22)). Acesso em: 16 set. 2021.

MAJARON, E. Art as a Pathway to the Child. *in*: **The power of the puppet**. Zagreb: UNIMA, 2012. P.11-17. Disponível em: <https://www.unima.org>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PETITE, J. M. **Guignols et Marionnetts**: leur histoire. Paris: Société d'édition et de Publications, 1911. Disponível em: http://www.takey.com/LivreF_5.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

PINHEIRO, R. D. **[Figuras]** 2021. Figuras 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35.

PINHEIRO, R. D. **[Quadros]** 2021. Quadro 1.

ROSCOE, A. **Guia de Leitura para Bebês e Pré-leitores**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2012.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. (Org.) **A Criança e o Livro**: guia prático de estímulo à leitura. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SCHEEL, B. Puppets and the emotional development of children: an international overview. *in*: **The power of the puppet**. Zagreb: UNIMA, 2012. P. 96-106. Disponível em: <https://www.unima.org> Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, R. J. Formar Leitores na Escola. In: SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. (Org.). **Fazeres Cotidianos na Biblioteca Escolar**. São Paulo: Polis, 2006. P. 73-78. Disponível em: <https://abecin.org.br/wpcontent/uploads/2021/03/Fazeres-cotidianos.pdf>. Acesso em: 10 abril 2021.

SILVA, R. J. Formar Leitores na Escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação**. Londrina, v. 20, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15390/17677>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUZA, L. O. BERNARDINO, A. D. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare**. Revista de Educação. Unioeste, Campus Cascavel. v. 6, n. 12, jul./dez, p. 235-249, 2011. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>. Acesso em: 5 maio 2021.

TATAR, M. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2^a. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - Entrevista para coleta de dados

Informações pessoais

Nome:

Local de formação:

Tempo que é formada em biblioteconomia ou outro curso:

Outras formações que possui:

Tempo de trabalho com mediação de leitura:

Local de atuação:

Quais reações e emoções os fantoches utilizados na contação de histórias suscitam em crianças e adultos?

1. Como mediadora de leitura quais materiais você mais utiliza: livros, fantoches ou bonecos?
2. Ao selecionar as histórias a serem contadas, como você escolhe e identifica os fantoches?
3. Você conta histórias utilizando fantoches para crianças? E para adultos?
4. Como você foi estimulado a mediar histórias utilizando fantoches?
5. Qual a sua opinião do uso de recursos de fantoches para contação de histórias?
6. Você gostava de ouvir histórias com fantoches na sua infância? Quem contava histórias? Descreva emoções e reações que você lembra
7. Você poderia contar um pouco sobre a sua experiência com a contação de histórias utilizando fantoches?
8. Além de contar histórias você também confecciona os fantoches? Como acontece esse processo?
9. Como você percebe a reação de crianças e de adultos com a utilização dos fantoches?
10. Como eles se expressam durante e ao final das histórias?
11. Que tipo de relatos você escuta das crianças e dos adultos logo após o término da contação de história? Poderia relatar dois que mais te impressionaram?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “As representações de crianças e adultos na interação com mediadores de leitura em atividade de contação de histórias com a utilização de fantoches” conduzida por Rute Doki Pinheiro, aluna do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está realizando Trabalho de Conclusão de Curso orientada pela Professora Dr.^a Eliane da Silva Moro, docente na FABICO/UFRGS.

Sua participação no estudo é voluntária e anônima e a pesquisa não apresenta riscos previsíveis para os participantes. A sua colaboração será de grande valor para ampliar o conhecimento sobre as reações e emoções que os bonecos e fantoches suscitam em crianças e adultos.

Todos os dados fornecidos serão mantidos em sigilo e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

A realização da entrevista leva em torno de 45 minutos, mas você pode cancelar a sua participação a qualquer momento, caso se sinta incomodado.

A aluna coloca-se à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional através do e-mail dokiengel@gmail.com ou celular (51) 9 8017 7378.

Eu, manifesto expressamente minha concordância em participar da pesquisa descrita acima e concedo permissão para os pesquisadores usarem os dados coletados, sem, no entanto, menção aos meus dados pessoais.

Data ___ / ___ / 2021

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora